

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

RENATO JOSÉ DA COSTA

A CONSTITUIÇÃO DA ESTRUTURA DE ESTADO
NO EXÍLIO (TINDOUF, ARGÉLIA) COMO FATOR PREPONDERANTE
PARA A SOBREVIVÊNCIA DO SAARA OCIDENTAL

São Paulo

2018

RENATO JOSÉ DA COSTA

A CONSTITUIÇÃO DA ESTRUTURA DE ESTADO
NO EXÍLIO (TINDOUF, ARGÉLIA) COMO FATOR PREPONDERANTE
PARA A SOBREVIVÊNCIA DO SAARA OCIDENTAL

Monografia apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), Programa de Pós-graduação em História Social, como requisito para a conclusão de pesquisa do estágio pós-doutoral.

Supervisor: Prof. Dr. Jorge Luís da Silva Grespan

São Paulo

2018

Costa, Renato José da.

A Constituição da estrutura de Estado no exílio (Tindouf, Argélia) como fator preponderante para a sobrevivência do Saara Ocidental / Renato José da Costa. – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018.

ix, 82 f. ; 5 il. : 29,7 cm.

Supervisor: Jorge Luís da Silva Grespan

Monografia (pós-doutorado) – Universidade de São Paulo, USP, Departamento de História, 2019.

1. Saara Ocidental. 2. Autodeterminação. 3. União Africana. 4. ONU. 5. Marrocos. – Monografia. I. Grespan, Jorge Luís da Silva. II. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH, 2019. III. A Constituição da estrutura de Estado no exílio (Tindouf, Argélia) como fator preponderante para a sobrevivência do Saara Ocidental.

Para minha mãe, Sofia (*in memoriam*),
que sempre foi minha grande apoiadora
e exemplo de vida.

AGRADECIMENTOS

Cada pesquisa tem as dificuldades inerentes às suas características e, nesse caso, para que essa pudesse ter sido desenvolvida sem recursos de agências de fomento, foi necessário contar com o apoio da instituição onde trabalho, a Universidade Federal do Pampa (Unipampa), que autorizou meu afastamento por um ano, com ônus limitado, para que eu me dedicasse exclusivamente a esse projeto. Foi a partir daí que pude financiar todas as etapas do projeto de pesquisa. Então, tenho de agradecer à Unipampa por ter me proporcionado essa oportunidade e à professora Kamilla Rizzi e ao professor Flávio Lira por terem sido essenciais para que o afastamento fosse viabilizado.

Também gostaria de agradecer à Universidade de São Paulo (USP), mais especificamente ao Departamento de História, por ter aceitado meu projeto de pesquisa e ter disponibilizado toda sua estrutura para que ela pudesse ser desenvolvida. Por tratar-se de “minha casa”, onde tive o prazer e orgulho de ter realizado o mestrado e o doutorado, somente tenho de agradecer por continuar fazendo parte de minha vida acadêmica. Uma parceria que pretendo que seja reeditada em muitas outras oportunidades.

Como mencionado anteriormente, essa pesquisa foi realizada com recursos próprios, então, durante a permanência nos campos de refugiados em Tindouf, Argélia, ou mesmo na Grã-Bretanha, pude contar com colaboradores que me ajudaram a reduzir os custos. Em Londres contei com a hospedagem solidária de Julia Fantoni, a quem sou muito grato, e, nos campos de refugiados, fiquei hospedado na casa de Omar “Canário”. Omar me recebeu em sua casa durante todo o período da pesquisa nos campos de refugiados e me fez sentir como um saarauí, tal sua gentileza e de sua família. Então, sou muito grato a ele.

Aproveito para agradecer à Frente Polisario, que através do Sr. Emboirik Ahmed, seu representante no Brasil, autorizou minha ida aos campos de refugiados e disponibilizou tudo que foi solicitado para o desenvolvimento da pesquisa. Desde acesso aos arquivos históricos até a concessão de entrevistas sem quaisquer restrições de temas a serem abordados. Durante o período em que estive nos acampamentos, tive a liberdade de me deslocar para quaisquer dos cinco campos que os saarauís ocupam em Tindouf sem restrições, como qualquer outro estado que respeita os direitos individuais.

Outra pessoa que fez com que essa pesquisa se tornasse realidade e não poupou esforços para tal foi Mohamed Fadel, ou simplesmente, Fadel. Como havia solicitado à Frente Polisario que me disponibilizasse um tradutor para as entrevistas, Fadel foi designado para tal, mas ele foi muito mais do que isso. Como havia participado de todo o período de guerra contra o

Marrocos desde 1975, pôde me apresentar uma visão distinta de quem lá esteve e também abrir as portas da comunidade saarauí para que eu a conhecesse e entrevistasse diversas pessoas que, assim como ele, fizeram parte do movimento que lutou pela independência do Saara Ocidental desde o início do processo. Fadel me acompanhou durante o período em que estive nos acampamentos e mesmo na visita à Zona Liberada, Tifariti. Ele se transformou num grande amigo, uma pessoa especial que merece um agradecimento especial.

Por fim, e com grande orgulho, quero agradecer ao prof. Jorge Grespan, que aceitou, novamente, tomar parte nessa aventura e me supervisionar nessa pesquisa. Utilizar adjetivos para expor a importância dele seria redundante, o admiro muito por suas qualidades como professor e pesquisador, e pelo respeito que trata a todos, valorizando as iniciativas. Uma qualidade nem sempre está presente na Academia. Tudo para ele é importante e sua atenção ao ouvir a exposição sobre um projeto, assim como a maneira com que faz considerações sobre o desenvolvimento da pesquisa é algo que a faz ganhar muita qualidade. Assim, mais uma vez, pude tê-lo como parceiro num projeto. Pude aproveitar um pouco mais de seu conhecimento. Um amigo que incentiva “as viagens” de quem orienta ou supervisiona, um Educador nato. Muito obrigado, novamente, por ter aceito ser meu supervisor nesse projeto.

Também faço um agradecimento póstumo. Durante toda minha vida, minha mãe sempre foi uma grande incentivadora de meus projetos e a cada pequena conquista, comemorou comigo. Também, quando não dava certo, estava lá para me ajudar a iniciar o próximo projeto. Dessa vez, enquanto estava no meio do projeto, ela não pôde esperar por meu retorno e faleceu. Uma das últimas conversas que tivemos, ela disse que eu não desistisse e só retornasse ao Brasil quando tivesse realizado tudo que havia planejado, reiterou que era para eu levar esse projeto até o final. Infelizmente, ela não pôde estar viva para vê-lo concluído, mas tenho de agradecer a ela por esse apoio durante minha vida inteira, sem ele, talvez não conseguisse, ou talvez a vida tivesse sido muito mais difícil. Obrigado, Sosso, por tudo que me proporcionou.

“O colono faz a história e sabe que a faz. E porque se refere constantemente à história de sua metrópole, indica de modo claro que êle é aqui o prolongamento dessa metrópole. A história que escreve não é portanto a história da região por êle saqueada, mas a história de sua nação no território explorado, violado e esfaimado. A imobilidade a que está condenado o colonizado só pode ter fim se o colonizado se dispuser a pôr termo à história da colonização, à história da pilhagem, para criar a história da nação, a história da descolonização”.

(Frantz Fanon, Os condenados da Terra, 1968, p.38)

RESUMO

Em 2016 iniciou-se uma viagem pelo Saara Ocidental em busca de respostas sobre a razão pela qual o Brasil não reconhecia esse estado que vivia sob a opressão do Reino do Marrocos e completamente esquecido pelos demais estados. Dessa viagem nasceu o documentário “Um fio de esperança: independência ou guerra no Saara Ocidental” (dir. Renatho Costa & Rodrigo Duque Estrada, Nomos Filmes, 2018), mas havia muitas questões a serem respondidas ainda e, em 2018 o retorno aos campos de refugiados em Tindouf possibilitou a compreensão mais ampla sobre tudo que os saarauís estão vivendo. A proposta inicial era fazer uma monografia tradicional sobre a opção do governo saarauí pela via diplomática através da União Africana, mas a convivência com os saarauís mostrou que era possível ampliar essa perspectiva e trazer os relatos dos saarauís. Então, a opção por um ensaio se configurou na melhor saída, esse trabalho analisa a opção pela União Africana, mas dá voz e humaniza as pessoas que fizeram parte da pesquisa.

ABSTRACT

In 2016 a journey through the Western Sahara began in search of answers on the reason why Brazil did not recognize this state who had lived under the oppression of the Kingdom of Morocco and it was completely forgotten by the other states. From this journey was born the documentary "A thread of hope: independence or war in the Western Sahara" (dir. Renatho Costa & Rodrigo Duque Estrada, Nomos Filmes, 2018), but there were many questions to be answered yet, and in 2018 the return to the refugees camps in Tindouf has enabled a broader understanding of everything the Saharawi people are living. The initial proposal was to make a traditional monograph on the Saharawi government's option to give preference to African Union's diplomatic channels but living with the Saharawi has showed that it was possible to broaden this perspective and bring the personal narratives of the Saharawi people. So, the choice for an Essay set up the best option, this research looks at to African Union option, but it gives voice and humanizes the people who were part of the research.

SUMÁRIO

Resumo	06
Abstract	07
Sumário	08
Índice	09
Apresentação	11
Introdução	13
1 O Documentário	17
2 O Retorno	27
3 As Pessoas	46
4 Novos Paradigmas	71
Ponderações Finais	101
Referências	107

ÍNDICE

Apresentação	11
Introdução	13
1 O Documentário	17
2 O Retorno	27
2.1 Viver num campo de refugiado	28
2.2 A política viva	32
2.3 A eterna opção pela guerra	34
2.4 A religião da paz	37
2.5 Os dias pelo deserto	40
3 As Pessoas	46
3.1 O amigo (Fadel)	47
3.2 O hospitaleiro (Omar)	51
3.3 A noiva	56
3.4 O novelista	61
3.5 O ativista (história do atentado)	67
4 Novos Paradigmas	71
4.1 Ineficiência da Minurso	75
4.2 A história dos periódicos se repetem (análise dos periódicos no Archivo Nacional)	82
4.3 Mulheres em luta... sempre!	87
4.4 A RASD e a UA	91
4.5 As palavras do Ministro das Relações Exteriores da RASD	96
Ponderações Finais	101
Referências	107

APRESENTAÇÃO

Há pouco mais de dois anos estive pela primeira vez nos acampamentos saarauí na região de Tindouf, sudoeste da Argélia. Na ocasião, estava com meu amigo Rodrigo Duque Estrada para filmarmos o documentário que viria a se chamar *Um Fio de Esperança: Independência ou Guerra no Saara Ocidental* (Nomos Filmes, 2017). Acredito que essa viagem foi fundamental para compreender com mais profundidade a luta daquele povo e deixar de vê-la apenas como um evento no “tabuleiro africano”, que é como a grande maioria dos analistas de Relações Internacionais a percebem.

O impacto de conviver com pessoas que lutam pela soberania de seu território há mais de quarenta anos e que conseguiram manter viva a chama do nacionalismo mesmo vivendo em campos de refugiados, com todas as adversidades possíveis e imagináveis, merece uma atenção especial. Crianças que nasceram no exílio, mas falam do Saara Ocidental como seus avós e têm a certeza de que retomarão suas terras, seja pelas vias diplomáticas, ou pela via da guerra.

Outra característica que chama muita atenção é a capacidade que a população saarauí teve para criar um estado no exílio. Muito mais que se organizarem nos campos de refugiados, a partir de 1976, os saarauí criaram um Estado sob a denominação de República Árabe Saarauí Democrática (RASD), ou seja, reafirmaram seu direito de viver como nação e, se necessário, lutar. Também, como Estado, puderam atuar no plano político-diplomático pela restauração da soberania de seu território que havia sido recém invadido por Marrocos e Mauritânia, após um processo altamente questionável de colonização na região.

A guerra entre a Frente Polisario, representante da população saarauí, e os estados invasores, perdurou até 1991, quando foi criada uma missão da ONU, MINURSO (Missão das Nações Unidas para a Realização do Referendo no Saara Ocidental) para a realização de uma consulta à população saarauí sobre a permanência da dominação marroquina ou a independência. O processo de negociação também estava vinculado ao cessar-fogo entre as partes, único aspecto que, efetivamente, perdura.

De fato, o referendo nunca foi concluído e as tensões vêm aumentando gradativamente a cada ano. Por ocasião de meu retorno aos campos de refugiados, no início de 2018, quando estava realizando a pesquisa para o pós-doutorado, consegui permanecer mais tempo no local e perceber melhor o significado do deserto para os saarauí. Também, com cada pessoa que pude conversar, para a pesquisa ou simplesmente porque me convidavam para suas casas, comecei

entender melhor a força do significado daquela luta e que o tempo que estavam vivendo nos campos de refugiados era muito mais do que um período de espera, significava a própria maturação do estado saarauí que se deu no exílio.

Assim, imbuído dessa percepção sobre o significado de estado para os saarauís, desenvolvi essa pesquisa. Mas não queria me restringir à visão imposta pelas teorias tradicionais de Relações Internacionais, queria que os aspectos humanos pudessem ter espaço nessa forma de expressão. Então, ao invés de simplesmente analisar a perspectiva estadocêntrica, a luta pela descolonização ganhou importância nessa análise. A liberdade que hoje o povo saarauí tanto clama, é parte da ruptura de um processo histórico que começou com a colonização e escravização dos povos africanos e que, infelizmente, perdura com a recusa de se reconhecer o direito de autodeterminação dos saarauí. Também, de última hora, resolvi que para abordar algo tão intenso não poderia me restringir aos modelos tradicionais acadêmicos, então, a decisão metodológica foi adotar o modelo de um ensaio para expor o resultado de pesquisa. Uma árdua reflexão que responde à problemática proposta no projeto de pesquisa e aprofunda-se na tentativa de compreender o ser humano que vive nos campos de refugiados.

INTRODUÇÃO

Ainda quando os saarauís eram apenas os “filhos das nuvens”¹ e certamente não estavam preocupados em provar seus vínculos étnico-culturais a quem quer que fosse, os europeus já viviam seus dilemas e transformações históricas que levaram à criação da instituição “Estado”. O processo que fez com que houvesse a unificação de Portugal e daí surgissem as bases para o estado moderno não reverberou de modo automático em outras partes do mundo. Enquanto os portugueses, sem ter por onde expandir seus territórios, optaram por desenvolver a técnica naval e lançar-se pelas conquistas mundo afora, na região onde viviam os saarauís, as relações tribais perduravam estáveis e o vínculo, mesmo com o nomadismo prevalecendo, era cultivado conforme as tradições apontavam.

Essa é apenas uma das diferenças entre os processos históricos que afetaram a Europa e o Norte da África, contudo, a partir do momento em que os europeus se lançaram à conquista de um império colonial, os povos dos continentes africano, asiático e americano tiveram uma fissura em sua história e passaram a vivenciar a história do colonizador. As diferenças, no que tange ao nível de desenvolvimento tecnológico, mais especificamente, bélico, foram fundamentais para estabelecer a dominação.

A intervenção europeia é de fundamental importância para compreender o que se dá no Saara Ocidental nos dias atuais e o porquê de até então não ter havido sua independência. A partir do momento em que as colônias deixam de vivenciar “sua história” e passaram a viver a história do dominador, tudo que é tradição anterior à colonização passa a não ter importância efetiva. Desse modo, o processo de aculturação torna-se é uma ferramenta de dominação que é imposta aos dominados para que gradualmente deixem de “ser quem eram” para que se “tornem quem os colonizadores querem que eles sejam”.

Essa estratégia também foi aplicada ao Saara Ocidental, anteriormente conhecido por Saara Espanhol, mas não se pode dizer que o resultado final foi o devidamente esperado pelo governo da Espanha. Desde as primeiras tentativas de colonização dos portugueses até a efetiva dominação espanhola, a população saarauí vivenciou um processo de transformação que nem sempre esteve sob controle absoluto dos espanhóis, isso porque, se por um lado era importante fortalecer o vínculo da população saarauí para diferenciá-la das demais colônias de outras

¹ Diversos autores, como Tony Hodges, atribuem esse termo aos saarauís que, devido à aridez da região que viviam, constantemente estavam se deslocando de um local para outro em busca de água. Assim, por seguirem as nuvens, passaram a ser conhecidos como os “filhos das nuvens”.

potências na região, por outro lado, fez com que o que eram laços históricos se transformassem em sentimento nacional, ou nacionalismo. Nesse sentido, é notória a influência do pensamento europeu trazido à região, seja por espanhóis ou mesmo pelos saarauís que estiveram na Europa.

Se o modelo europeu se transformou num paradigma, é fato que a estrutura do sistema internacional, que desde Westphalia já privilegiava o sistema de estados, deveria ser adotado por quem quer que buscasse autonomia. Também, a força do nacionalismo que emerge no final do século XIX torna-se a justificativa para se chegar ao objetivo final que se configura na independência e criação de um Estado. Assim, da dominação espanhola, perpassando pela dominação marroquina, é possível perceber que o sentimento nacional saarauí foi cultivado e se fortaleceu como elemento identitário.

Como reflexo das transformações que o sistema internacional passou a vivenciar a partir da década de 1960, o próprio conceito de colônia deixou de ser aceitável. Então, as potências tiveram de iniciar a mudança de sua estrutura de poder. Nesse sentido, a autodeterminação dos povos acabou alcançando o status de um valor inalienável e seu efeito foi o início da descolonização da África. Ocorre que no transcorrer do processo, o Saara Ocidental foi alijado de seu direito e o resultado formal disso foi uma guerra que se prolongou de 1975 a 1991, além da migração de milhares de refugiados saarauí para a Argélia. Outros efeitos dessa guerra foram: 1) a criação de um Estado do exílio, a RASD, em 1976, e 2) o estabelecimento de um estado policial, pelo reino do Marrocos, para oprimir os saarauí que permaneceram em seu território natal.

Com base nesse panorama, esse ensaio pretende compreender melhor a estratégia da RASD para o estado saarauí alcançar a independência e reconquistar seus territórios no Saara Ocidental. Mais precisamente, devido ter sido o objeto dessa pesquisa, compreender como a União Africana (UA) se converteu na última possibilidade de ação diplomática da RASD, uma vez que a interferência de França e EUA na ONU simplesmente faz com que a MINURSO (Missão das Nações Unidas para o Referendo no Saara Ocidental) exerça apenas funções administrativas na região. Com quase vinte anos atuando no Saara Ocidental, a MINURSO apenas preserva o cessar-fogo, o que não representa grande avanço sob a perspectiva dos saarauís que vivem há mais de quarenta nos em campos de refugiados.

Como a UA não sofre influência direta das potências ocidentais e a RASD é reconhecida como um membro fundador da organização, as possibilidades de atuação são mais efetivas e a grande maioria dos estados africanos são solidários à luta dos saarauís.

Assim, esse ensaio aprofunda-se na “opção UA” para compreender quais as possibilidades de alcançar resultados positivos sem que a RASD tenha de lançar mão da via armada. A hipótese trazida no projeto de pesquisa, e que foi a balizadora para essa imersão no universo saarauí, ganha ainda mais força, pois a opção pela via diplomática tende a ser a prioritária, uma vez que a causa saarauí goza de reconhecimento por diversos organismos internacionais e esse embate vem ganhando mais espaço no cenário internacional. Ainda, que o desencadeamento de uma guerra entre a RASD e o Reino do Marrocos poderia desestabilizar todo o norte da África e fazer com que o conflito incluísse outros atores locais e externos. Em grande medida, a desestabilização dos países da região seria um risco para a Europa que já vive uma crise com a entrada de refugiados oriundos do Oriente Médio.

Nesse sentido, a guerra seria a pior opção para os europeus, então, caso a causa saarauí venha a ser resolvida no âmbito da UA, muito provavelmente a ONU terá de aceitá-la como definitiva para que a via diplomática não se extinga e a guerra seja a única opção para a RASD.

Um dos primeiros desafios dessa pesquisa foi trabalhar com bibliografias tão distintas, e, em certa medida, engajadas. Atualmente o governo marroquino patrocina *think tanks* focados em produzir materiais que desconstruam a causa saarauí. Fazem esse trabalho sustentando a negação do entendimento de nação por parte dos saarauís além de acusações de violações de direitos humanos nos campos de refugiados. Então, essa bibliografia foi consultada e considerada durante a elaboração do ensaio.

Além dessa bibliografia, há diversos historiadores espanhóis e franceses que analisaram a trajetória daquela região do norte da África e serviram como base para esse estudo. Também, como destacado anteriormente, no intuito de problematizar a atuação do colonizador na região, Fanon e Said trazem contribuições de fundamental importância.

Outra parte desse trabalho foi a pesquisa realizada no campo de refugiados e, tanto os documentos obtidos nos arquivos históricos saarauís, quando as entrevistas ali realizadas, contribuem para a compreensão do processo de surgimento do sentimento nacional, assim como as opções políticas adotadas.

No intuito de alcançar os objetivos propostos, inicialmente havia se optado pelo formato tradicional de monografia, contudo, com o transcorrer da pesquisa e a presença tão marcante do indivíduo saarauí, tornou-se evidente que para fazer a abordagem sobre a opção pela UA haveria a necessidade de compreender todo o processo que fez com que os saarauís continuem a viver num campo de refugiados há mais de quarenta anos e mesmo assim mantenham o clamor

de seu território vivo. Em certa medida, adotar a estrutura de um ensaio é possibilitar que o pesquisador se posicione objetivamente. Assim, a construção desse ensaio, por força do estilo e necessidade de buscar as respostas para as perguntas propostas, será tratado em primeira pessoa. Algo que a escola de Relações Internacionais não está muito acostumada a ver, mas que a História já é mais flexível.

Isso posto, esse ensaio está dividido da seguinte maneira, o Capítulo 1 faz apresenta como se chegou ao Saara Ocidental e como foi a produção do documentário sobre o tema, no Capítulo 2 há a narrativa do retorno e o estabelecimento de novas relações para se alcançar às respostas das perguntas propostas no projetos de pesquisa, o Capítulo 3 talvez seja o mais pessoas, pois traz as pessoas que participaram efetivamente da realização da pesquisa para o primeiro plano e as transforma em protagonistas da trajetória no Saara Ocidental, finalmente, o Capítulo 4 direciona a análise da opção pela União Africana como a última saída para uma resolução pacífica para a questão do Saara Ocidental. Nas Considerações Finais, um capítulo que ainda flerta com o estilo tradicional de monografias, traz-se as últimas reflexões sobre o Saara Ocidental.

Bem-vindos...

1 O DOCUMENTÁRIO

Ao iniciar essa reflexão, o primeiro estranhamento – e preocupação – que tenho é a constatação de que durante todo o tempo em que frequentei a graduação em Relações Internacionais nunca ouvi falar do Saara Ocidental como uma questão que merecesse atenção específica. Creio que em alguma disciplina sobre o continente africano, o professor ou a professora, devem ter mencionado que a região, outrora conhecida por Saara Espanhol, se converteu num território do Reino do Marrocos e que a partir de então surgiu um embate que passou a ser mediado pela ONU. Mas isso é o que poderia ter acontecido, pois, na verdade, não tenho certeza se um curso de Relações Internacionais, focado nas relações de poder do sistema internacional e que está mais voltado para o interesse das potências, delegue tanta atenção a um território cujo povo tem dificuldade para se expressar devido às inúmeras artimanhas que tem de superar.

Esse povo, o saarauí, que em 2016, tive o prazer de encontrar pela primeira vez e não apenas através de fotos ou vídeos, foi ele, que desde então passei a respeitar ainda mais devido à sua luta e coragem para superar todas as dificuldades e continuar acreditando que retornará ao seu território porque ele é seu e porque os processos históricos que rechaçaram a colonização dos povos do continente africano devem ser respeitados.

Ainda que eu conhecesse a trajetória de alguns países do norte da África, minha preocupação sempre esteve voltada para aqueles que tinham “maior relevância” na região. Foi assim que minhas pesquisas me levaram a conhecer melhor o Egito, a Líbia, a Argélia e mesmo o Marrocos, mas em 2016, um grande amigo, Rodrigo Duque Estrada, que havia sido meu aluno na graduação e estava concluindo o mestrado, me convidou a participar do projeto que visava realizar um documentário no Saara Ocidental.

Ele conhecia minha paixão por cinema e sabia que eu pesquisava países islâmicos, então, sem pensar duas vezes, aceitei fazer parte do projeto e iniciei um estudo intensivo para aprofundar nas nuances da questão do Saara Ocidental. Logo no início evidenciava-se que a não aplicação do direito à autodeterminação ao povo saarauí somente poderia estar vinculado a interesses econômicos. Então, o próximo passo foi entender como seria possível subverter uma determinação da ONU e o Saara Ocidental permanecer sendo a última colônia do continente africano.

Em alguns meses, eu e o Rodrigo discutimos bastante sobre o processo que estava estagnando o reconhecimento dos direitos do povo saarauí e fomos além, questionando o que fazia com que o Brasil, um notório país defensor dos direitos humanos e dos povos, não reconhecesse a República Árabe Democrática Saarauí (RASD) como um estado independente e soberano.

Esse mote acabou se tornando a pergunta principal para o desenvolvimento do documentário *Um Fio de Esperança: Independência ou Guerra no Saara Ocidental* (Nomos, 2018), que realizamos nos campos de refugiados, no Marrocos e nos territórios ocupados. E foi nesse contato com o povo saarauí que foi possível compreender melhor os escritos de Fanon, as estruturas de poder expostas por Foucault e os horrores que o orientalismo denunciado por Said podem gerar a um povo.

Logo no primeiro contato com essa distinta dinâmica de sobrevivência, ao chegar no campo de refugiados, foi possível perceber um nível de organização somente possível quando se tem muito claro qual é seu objetivo primordial e se luta por alcançá-lo. Nesse sentido, ainda que não no mesmo contexto, me veio à mente o filme *A Batalha de Argel*, que retrata a luta da população argelina contra os colonizadores franceses. Evidentemente que nos campos de refugiados a luta se trava de outra maneira e a partir de outras estratégias, até porque, os saarauís, por força dos acontecimentos durante a guerra, tiveram de se refugiar em Tindouf, na Argélia, e ali construíram suas casas e sua estrutura de resistência que segue até os dias de hoje. Mas a mesma perseverança dos argelinos de que poderiam vencer os franceses, ainda que tivessem de passar pela mais atroz violência, existe nos saarauís. Eles trilharam uma brava guerra campal de 1975 a 1991, quando a ONU passou a mediar um acordo de cessar-fogo, mas a coragem de enfrentar uma força externa supostamente mais poderosa, não os intimida.

Para a filmagem do documentário, ficamos hospedados na casa de uma família saarauí e, devido a isso, tivemos a oportunidade de conhecer melhor os hábitos e a maneira de pensar do povo. Isso foi importante para começar a romper com algumas barreiras subjetivas que muitas vezes criamos involuntariamente. Se, no início a família chegou a nos oferecer talheres para que pudéssemos comer como tradicionalmente fazemos – e nós recusamos para podermos tentar nos aproximar da família e entender melhor seus hábitos –, logo já estávamos comendo com a mão e compartilhando o prato com os familiares. Um gesto cujo significado é a aceitação dessa pessoa à família.

Em aproximadamente 15 dias, visitamos as mais distintas localidades do acampamento e pudemos conversar com pessoas de todos os tipos, sejam os ministros, parlamentares e o

próprio presidente da RASD, até as pessoas mais simples que vivem nos campos, exercem atividades corriqueiras que visam a preservação/manutenção do local. Todas essas pessoas, estão sempre dispostas a compartilhar um chá. Pessoas simples no trato, mas que quando lhes convidam para suas casas, demonstram um conhecimento profundo acerca do que vivem, porque estão naquele lugar e o que ambicionam. É admirável perceber como todos conhecem muito bem a trajetória do povo e como a história do Saara Ocidental – que grande parte da população nunca esteve – é viva. Sempre se dizem preparados para o retorno, por isso construíram apenas casas provisórias no deserto de Tindouf, para que possam, logo que resolverem a questão com o Marrocos, juntarem suas coisas e retornarem para casa. Assim, não terão deixado nada no deserto, apenas lembranças da luta que travaram.

Como praticamente ninguém conhece a história do Saara Ocidental no Brasil, então, quando estávamos construindo o roteiro para o documentário, entendemos que seria necessário fazer um prólogo para expor, nem que fosse brevemente, como aquela população que tinha um território e estava prestes a alcançar sua independência, sofreu uma transformação brutal em seu destino e, de uma hora para outra, se transformou em refugiada num campo no deserto, na Argélia.

Como mencionei antes, todos, mesmo as crianças mais jovens, conhecem a luta que os saarauís tiveram de enfrentar contra a potência colonizadora espanhola e posteriormente com o reino do Marrocos, e, em todas as conversas, a citação de dois mártires sempre é trazida, Bassiri e El Uali. Muhammad Sidi Brahim Basir, ou simplesmente Basiri, influenciado pelos movimentos nacionalistas que visavam à descolonização, durante a década de 1960, foi um dos primeiros saarauís a buscar organizar a população no intuito de levar o Saara Ocidental à independência. Mas sua visão geopolítica do continente africano o fazia crer que a Espanha não abriria mão de sua colônia facilmente, então, sua proposta estava pautada num processo transitório em que gradualmente a autonomia seria concedida, até que se chegasse, efetivamente, à independência. Os espanhóis não entenderam as transformações que o sistema internacional estava vivenciando e simplesmente refutaram esse tipo de proposta. Basiri foi preso pelos espanhóis depois de um comício, em 1970, e nunca mais apareceu. Futuramente o governo espanhol alegou que entregou Basiri aos marroquinos e, se algo aconteceu com ele, não foi sua responsabilidade.

A morte de Basiri, diferentemente do que os espanhóis poderiam imaginar, não fez com que os saarauís recuassem em sua ânsia pela independência, simplesmente mostrou que a via proposta por Basiri não mais seria viável e que a única maneira de combater os colonizadores

seria através do enfrentamento direto, a guerra. Em 2018, quando retornei aos campos de refugiados para fazer a pesquisa de pós-doutorado, conheci e entrevistei alguns dos jovens que viviam em El Aaiún no início da década de 1970 e que decidiram pela guerra. Não vou me aprofundar nessa questão aqui, pois será exposta em capítulo posterior, mas a força da ideologia da Esquerda que inspirava vários outros povos pelo mundo, também foi o grande direcionador dos fatos que se sucederam. Numa das conversas com um desses jovens, ele disse que o que os diferenciava dos marroquinos e espanhóis é que eles lutavam pelo que era deles e sabiam que era deles porque conseguiram perceber a estrutura do sistema internacional e o papel que estavam desempenhando até então. Aprofundando um pouco mais, esse jovem disse que em sua mochila, quando passou a fazer parte da Frente Polisario para lutar contra os espanhóis, muitas vezes sequer havia comida, mas um livro era fundamental ter para que as convicções continuassem cada vez mais fortes.

A Frente Polisario, que citei, foi criada pelo segundo mártir saarauí, El Uali Mustafa Sayed, ou simplesmente El Uali, que organizou a população para enfrentar os espanhóis e marroquinos. Sua capacidade, apesar de muito jovem, era reconhecida por todos. Morreu com apenas 26 anos, numa batalha na Mauritânia, mas a Frente Polisario já estava organizada e a guerra contra os marroquinos seguiu em frente.

No documentário, apresentamos muito brevemente essa fase inicial da guerra e a posterior migração para os campos de refugiados, ocorrida quando os marroquinos passaram a bombardear com fósforo branco a população saarauí que estava refugiada no deserto. A Argélia, por sua vez, que já havia vivenciado uma guerra contra os marroquinos, que tentaram conquistar parte de seu território, entendeu que por uma questão humanitária, deveria conceder abrigo aos saarauís que estavam sendo massacrados no deserto. Caso a população civil não tivesse encontrado esse abrigo, certamente teria sido dizimada.

A entrada dos saarauís na Argélia lhes deu condições para organizar melhor sua luta e mesmo se organizar politicamente. Assim, como a Argélia concedeu autonomia para que os saarauís gerissem o campo de refugiados. Percebiam que concedeu autonomia, mas não soberania territorial. A região de Tindouf continua sendo argelina, inclusive, o aeroporto que existe na região é controlado pelas forças armadas da Argélia e as missões que visitam o campo de refugiados necessitam de autorização especial para irem até lá. Ao descerem em Tindouf, as Forças Armadas argelinas escoltam os visitantes até o campo de refugiados e a partir de lá, a Frente Polisario quem controla.

Um dos atos mais importantes da Frente Polisario, no intuito de ampliar a luta para reconquistar seu território foi constituir um governo no exílio, a República Árabe Democrática Saarauí (RASD). Isso porque, a Frente Polisario já era reconhecida internacionalmente, inclusive em resoluções da ONU, como representante dos saarauís, contudo, por não ser um Estado, tinha inúmeras limitações para atuar em instâncias que somente esses atores são aceitos. Assim, em 1976, a RASD foi criada e nos campos de refugiados montou sua estrutura administrativa, com ministros, parlamentares, *prefeitos*, etc. Todos escolhidos por eleições diretas, exceto o presidente.

Ao entrevistar os ministros militares, uma das maiores preocupações deles era como conter o ímpeto dos jovens que vivem nos campos de refugiados e não têm muita perspectiva de mudança. Estão aguardando por mais de quarenta anos que a situação se resolva e têm sido levados a acreditar que a via diplomática é a melhor opção, contudo, como disseram os militares durante as entrevistas, os jovens não aguentam mais, eles querem partir para a guerra. Muitos têm a impressão de que estão perdendo tempo e a juventude nos campos. Então, a dificuldade da Frente Polisario é conter esses jovens e mostrar a eles que a via diplomática ainda é a mais viável, até porque, grande parte da população vivenciou os horrores da guerra e sabe o que ela significa, diferentemente desses jovens.

Nesse sentido, outro aspecto que pude presenciar em 2018 foi a transição de poder. Gradualmente, pessoas mais jovens estão ocupando postos no alto escalão do governo saarauí, pessoas numa faixa de 30 anos que nasceram nos campos de refugiados e que têm ouvido falar do Saara Ocidental, mas muitos sequer estiveram lá. Ainda são poucas pessoas nos postos mais graduados, pois a grande maioria está ocupada por pessoas mais velhas, que lutaram na guerra e tendem a acreditar na via diplomática. Mas a transição está em curso.

Como o objetivo do documentário era questionar o porquê de o Brasil não reconhecer o Saara Ocidental como um estado soberano, nas várias entrevistas que fizemos nos campos de refugiados, sempre trazíamos esse tema e qual a percepção que tinham sobre o Brasil. O mais impressionante foi que, além de a grande maioria das pessoas conhecerem o Brasil, devido ao ato de reconhecimento que o governo Lula concedeu à Palestina, esperavam que, por analogia, o mesmo ocorresse com o Saara Ocidental. Ainda, a percepção da grande maioria dos entrevistados foi de que a liderança que o Brasil exerce/exercia no cenário internacional poderia beneficiar a causa. Muitos consideram o Brasil um grande ator, com capacidade para influenciar outros, tanto na América Latina quanto em outros lugares do mundo. Junto aos parlamentares,

a posição que o Brasil adotou na negociação com o Irã sobre seu programa nuclear foi considerada de um *grande player*.

Ao retornar ao país, para completar a fase final do documentário, fomos a Brasília no intuito de fazermos entrevistas com parlamentares, diplomatas (MRE) e militares (Ministério da Defesa), tendo em vista que a MINURSO contou com diversos militares brasileiros durante esses vários anos da missão.

Quanto aos parlamentares, efetivamente, poucos conhecem o que se passa no Saara Ocidental. Exceção feita ao ex-deputado Jean Wyllys, do PSOL, que havia coordenado uma comissão e demonstrou muito conhecimento sobre a questão, inclusive fazendo críticas pontuais ao posicionamento do presidente e ex-presidentes da República que, mesmo diante da flagrante violação de direitos humanos na região, preferem *entregar* à ONU a busca por uma solução para o conflito e não se posicionar diretamente. Outros parlamentares que têm conhecimento mais profundo são a ex-deputada do Distrito Federal, Maninha, do PT, e o ex-senador João Capiberibe, do PSB. Os dois, autores de vários discursos na Câmara e no Senado em prol dos saarauís. Em contrapartida, ao solicitar uma entrevista a um deputado do PSDB que havia presidido uma das comissões que tratou da questão do Saara Ocidental, o parlamentar se negou e simplesmente afirmou que se fosse fazer qualquer pronunciamento, teria de perguntar ao Itamaraty o que deveria dizer. Ironicamente, o Itamaraty não tinha nada a dizer sobre o tema quando o procuramos!

Antes de irmos a Brasília, enviamos diversos email ao Itamaraty solicitando uma entrevista para tratar da questão do Saara Ocidental, nenhum deles foi respondido. No entanto, no último dia em que estávamos na capital, recebemos um email de um diplomata do Itamaraty informando que poderia nos receber, mas não concederia a entrevista, apenas conversaria “em *off*”. Exatamente, um órgão do governo federal, responsável pela gestão da política externa brasileira, somente poderia falar “em *off*” com dois pesquisadores e produtores de uma documentário sobre o Saara Ocidental.

Mesmo diante desse posicionamento absurdo, resolvemos ir à reunião no Itamaraty e a conversa não ocorreu, foi um monólogo. Os dois representantes do Itamaraty ficaram a nossa frente e pouco falaram. Tudo que perguntávamos, diziam que teriam de consultar algum setor específico. Quando expusemos uma situação flagrante de violação de tratados internacionais, com o Brasil comprando pescados e fosfato do Reino do Marrocos, o que tem sido exposto categoricamente como uma violação dos direitos da população autóctone do Saara Ocidental, os representantes do Itamaraty apenas disseram que precisaram verificar com o setor pertinente.

Pouco mais de uma hora perdida no Palácio do Itamaraty, exceto pelo fato de que foi possível constatar que algo muito estranho faz com que o Brasil não reconheça o Saara Ocidental como estado independente. Até porque, outra questão foi levada aos representantes do Itamaraty e a ausência de respostas criou uma áurea de dúvida ainda maior. Ao perguntarmos se poderíamos ter acesso a duas dissertações de final de curso, sobre o Saara Ocidental, que os diplomatas fazem no curso de formação no Rio Branco, uma de 1984 e outra de 2008, e o porquê de elas serem *classificadas*, os diplomatas não souberam responder. Inclusive ressaltaram que a de 1984 já teria tido até seu prazo para preservação de sigilo esgotado. Enfim, não puderam responder nada, mas futuramente, quando estava fazendo a pesquisa de pós-doutorado, voltei a manter contato com o Itamaraty e solicitei as dissertações. Nenhuma delas foi disponibilizada.

Para concluir o período em que estivemos em Brasília para as gravações finais do documentário, primeiramente reiteramos o contato com o Ministério da Defesa, no intuito de solicitar autorização para que pudéssemos entrevistar algum dos militares que fizeram parte da MINURSO para que eles nos dessem um depoimento oficial sobre a efetividade da missão e o que se passa em El Aaiún (capital do Saara Ocidental). O Ministério simplesmente respondeu às nossas solicitações informando que nenhum militar que participou da MINURSO estaria autorização a conceder entrevistas a nós.

Por fim, nos restou fazer a entrevista mais emblemática dessa etapa do projeto, com o embaixador do reino do Marrocos no Brasil, Nabil Adghoghi. Eu havia mantido contato com ele, pessoalmente e com seu assessor, via fone, algumas vezes no intuito de solicitar uma entrevista para o documentário. Ele aceitou concedê-la e pediu para que eu fosse a Brasília na data que tinha disponibilidade. Assim, toda a agenda em Brasília foi organizada a partir da disponibilidade do embaixador.

Ao chegarmos à embaixada, eu e o Rodrigo, fomos muito bem recebidos e levados à sala do embaixador. Poucos minutos depois ele entrou e, muito solícito, nos cumprimentou e ofereceu tâmaras. Juntamente com ele, estava seu assessor, que futuramente, na conversa, ele viria dizer que também era saarauí. Mas voltemos à entrevista. Assim que ele nos cumprimentou, perguntamos se poderíamos preparar os equipamentos para a filmagem. Ele disse para que não nos preocupássemos, pois teria todo o tempo que nós precisámos, e que poderíamos conversar inicialmente.

Como havia combinado com o Rodrigo de não fazermos perguntas tão duras no início da entrevista, ou mesmo nas conversas iniciais, mantivemos essa postura e passamos a

conversar com o embaixador. Mesmo quando ele fazia alguma colocação que era diametralmente oposta a toda a documentação que existia, procurávamos não afrontá-lo. Em detalhes, como na terminologia utilizada para designar o Saara Ocidental, que a comunidade internacional chama de Zona Ocupada, e o Marrocos de Províncias do Sul, não entramos no mérito. Depois de uma hora conversando, perguntamos outra vez se poderíamos montar o equipamento para fazermos a entrevista, pois tínhamos receio de ocupar muito o tempo dele. A resposta foi para que não nos preocupássemos, pois ele teria todo o tempo para nós.

Depois de duas horas de conversa, dissemos ao embaixador que precisaríamos filmar a entrevista. Foi aí que ele disse que não permitiria. Alegou que nós poderíamos utilizá-la contra ele. Nós reiteramos que fizemos entrevistas com diversas autoridades, inclusive o embaixador da Argélia no Brasil e nenhum deles impôs qualquer ressalva. Mesmo assim o embaixador marroquino expôs que não gravaria. Foi então, para não perdemos a viagem, que passamos a inquiri-lo sobre as mais diversas situações que ocorrem nas Zonas Ocupadas, sobre o posicionamento do Marrocos diante do processo negocial na ONU e na UA, etc.

Ele passou a ter uma postura muito mais agressiva e dizer que tudo que eu havia vivenciado para entrar no Saara Ocidental era mentira, que não há repressão policial naquela região. Eu havia acabado de relatar que para entrar no Saara Ocidental preferi ir de ônibus, partindo de Marraquexe, pois haviam me informado que o tratamento dispensado a estrangeiros que visitam aquela região, quando chegam via aérea, é terrível. Então, preferi trilhar as 16 horas de ônibus, pois me parecia que seriam mais tranquilas. Grande equívoco, quando se está quase chegando ao Saara Ocidental começam os *check-points*. A cada um, como eu era o único estrangeiro no ônibus, tinha de descer, mostrar meu passaporte e informar que estava apenas a turismo por lá.

Passamos por quatro *check-points* e, no último, quando estava quase chegando em El Aaiún, o oficial pegou meu passaporte, pediu para eu segui-lo até uma sala e fiquei ali por aproximadamente 30 ou 40 minutos expondo que estava visitando El Aaiún pela mesma razão que havia visitado outras cidades do Marrocos, como Casablanca, Rabat, Fez e Marraquexe, turismo. Os oficiais utilizavam técnicas de interrogatório que alternavam a forma de questionar. Às vezes faziam várias perguntas ao mesmo tempo, outras vezes trocavam de oficiais e faziam as mesmas perguntas, mas de outra maneira. Por fim, um dos oficiais perguntou se eu tinha amigos de El Aaiún em meu Facebook. Estranhei a pergunta e ele disse para que eu abrisse meu Facebook ali na sala dele. Eu me recusei prontamente e disse que qualquer coisa que eu tivesse em minhas mídias sociais seria de caráter privado. Como ele não quis pegar meu aparelho

celular à força e tentar desbloqueá-lo, simplesmente todos saíram da sala e eu fiquei ali sentado, esperando. Mais alguns minutos esperando e cinco ou seis oficiais retornaram e continuaram a fazer as mesmas perguntas. Sem terem como impedir minha entrada em El Aaiún, concluíram pedindo o *voucher* do hotel que eu ficaria hospedado. Eu mostrei, eles telefonaram para lá, aparentemente confirmaram, pois conversaram em árabe e eu não falo essa língua. Assim, depois de quase quarenta minutos, voltei ao ônibus e as pessoas me olhavam com tanto ódio pelo atraso que eu teria provocado à viagem que talvez tivesse sido melhor pedir carona aos oficiais que me interrogaram para chegar ao hotel.

Esses fatos, ao serem expostos ao embaixador, fizeram com que ele se exaltasse e dissesse que eu era um mentiroso. Deste ponto em diante, a conversa passou a ser mais tensa. Em diversas circunstâncias o embaixador negava a existência de documentos que mencionávamos. Mas como não fomos à entrevista com a finalidade de fazer esse tipo de perguntas, a discussão estava indo para um embate sem fim. Tal era a maneira peculiar do embaixador perceber os fatos que em determinado momento o Rodrigo mencionou a Frente Polisario, e, antes que ele pudesse terminar de concluir o questionamento, o embaixador disse que sequer “essa organização” era reconhecida pelos organismos internacionais. O Rodrigo discordou enfaticamente e o embaixador disse que ele mostrasse em que documento constava esse reconhecimento. Eu assumi o debate com o embaixador e o Rodrigo passou a procurar na internet a resolução que atribui à Frente Polisario essa prerrogativa de ser a representante dos saarauí. Quando ele mostrou ao embaixador, o representante do reino do Marrocos no Brasil simplesmente disse que o documento não valia nada.

A conversa transcorreu nesse nível até o final, quando ele nos fez um convite para que fôssemos ao Marrocos, com tudo pago pela embaixada, para fazermos as entrevistas com “o lado marroquino”. Ele disse que teríamos toda a liberdade para voltarmos à El Aaiún e continuarmos as entrevistas tranquilamente. Eu e o Rodrigo não contávamos objetivamente com essa proposta, ainda que soubéssemos que o Marrocos constantemente convinda “as pessoas” para viajarem ao seu país para conhecê-lo melhor. O embaixador queria que entrevistássemos os saaraús que deixaram os acampamentos e mesmo a Zona Ocupada e passaram a viver no Marrocos. O representante do Marrocos disse que poderia nos oferecer essa viagem, mas teríamos de adiar a estreia do documentário e mesmo as exposições teste (com apenas 20 minutos) nas universidades, até que nós fôssemos ao seu país, mas isso só poderia acontecer alguns meses adiante.

Não aceitamos essa proposta e dissemos que poderíamos voltar ao Marrocos, no máximo, em duas semanas, para podermos fazer as entrevistas e concluirmos o documentário na data programada. Ele pensou bem, fez uma bela cena chamando seu assessor para que agendasse tudo, e disse que iria encontrar em contato conosco para que nossa viagem trouxesse outra perspectiva para a pesquisa que até então tínhamos feito. Cumprimentamos o embaixador e fomos embora.

Ele me ligou mais uma vez, dois dias depois, dizendo que estava acertando tudo, mas depois nunca mais entrou em contato. Talvez, o que ele pretendia era que nós interrompêssemos todo o processo de pós-produção do documentário e ficássemos à espera dessa viagem “com tudo pago” para conhecer o Marrocos, mas como em nenhum momento nossa intenção foi “fazer uma viagem de férias a Marraquexe” ou a outro lugar qualquer, mas sim, aprofundar na pesquisa sobre a causa saarauí, então o embaixador “nos esqueceu”!

O documentário ficou pronto em 2017, passou fazer sessões teste, mas chegou ao seu formato final em 2018, quando passou a percorrer o circuito de festivais de cinema. Ele conseguiu trilhar uma carreira que sequer poderíamos ter imaginado, mas quando todo esse processo chegou ao fim, as questões sobre o Saara Ocidental ainda estavam latentes em minha cabeça e faltavam muitas perguntas a serem respondidas, principalmente sobre o futuro daquele povo. Se vão permanecer na via diplomática ou se a solução será retomar às armas.

E se optarem pela via diplomática, qual seria o melhor caminho? Daí surgiu a necessidade de retornar aos campos de refugiados e aprofundar nos debates sobre a opção pela União Africana. De certo modo, me parecia que se os saarauís continuassem apostando todas suas fichas na MINURSO, simplesmente seria perda de tempo. Com isso, em 2018, propus um projeto de pós-doutorado ao Departamento de História da USP que visava retornar aos campos de refugiados e entender melhor essa questão, além do nacionalismo, que uma farta parte da bibliografia sobre o Saara Ocidental delega muita atenção.

Em fevereiro de 2018, desembarquei em Tindouf novamente. Agora sem equipamentos para fazer um filme, mas com a intenção de conhecer melhor os meandros dessa questão.

2 O RETORNO

No final do mês de janeiro de 2018, desembarquei em Argel e, dali, faltava pouco para retornar aos campos de refugiados. Nos poucos dias que fiquei em Argel, senti que deveria retornar à Casbah para andar por aquelas ruas estreitas e tão vivas de histórias dos revolucionários que, nos idos das décadas de 1950 e 1960, “ousaram” enfrentar a poderosa potência francesa.

A Argélia conseguiu alcançar sua independência efetiva e os traços da dominação francesa estão presentes apenas nas construções de Argel e na língua adotada pela população, no que tange às relações políticas, os dois países as estabeleceram outro patamar. A Argélia conseguiu se estabilizar e o petróleo contribuiu muito nesse processo de fortalecimento de sua soberania. De fato, atualmente a Argélia possui o segundo mais poderoso exército do continente africano, contando com um contingente de pouco mais de 500 mil soldados e um orçamento militar superior a 10 bilhões de dólares. O primeiro colocado, o Egito, apesar de possuir um contingente quase três vezes maior que o argelino e o dobro de aeronaves, veículos e tanques de combate, seu orçamento militar está na ordem de 2 bilhões de dólares. Todo esse poder repercute na dinâmica da geopolítica local do norte da África. Inclusive, a própria decisão de trazer para seu território a população saarauí é um ato que ratifica o posicionamento contrário a atitudes colonialistas e, concomitantemente, estabelece que há um limite para a atuação do rei do Marrocos.

Apesar de a monarquia marroquina contar com o apoio da Espanha e França, não consegue impor definitivamente sua vontade aos saarauís, então, utiliza de artimanhas para arrastar o processo negocial. Relembrando uma das afirmações do embaixador do Marrocos, na tão tensa entrevista em Brasília, “[,,] a permanência dessa situação não é ruim para o Marrocos, pois cada vez mais está havendo um processo de aculturação da população que vive sob nosso domínio nas Províncias do Sul (Zonas Ocupadas) e, com o tempo, nada mais haverá para fazer para reverter isso”.

A estratégia do Marrocos é simplesmente deixar que o processo negocial ocorra somente quando houver uma pressão muito forte dos Estados Unidos, mas criar entraves para que nunca seja concluído. Desse modo, entende o embaixador, os saarauís não desencadearão a guerra, porque estarão atrelados a um processo que não chegou ao fim e o Marrocos continuará sua política de *marroquização* do Saara Ocidental, inclusive, “proibindo” o ensino da língua

espanhola e dando ênfase no ensino do francês. O idioma nativo dos saarauís, *hassaniya*, cada vez menos é falado pela população, exceto dentre os mais velhos e nas famílias.

Ao me lembrar das palavras do embaixador marroquino e da maneira como expôs a estratégia do Marrocos frente aos saarauís, mais certeza tenho de que a “inspiração” para esse *modus operandi* vem de Israel, da maneira como trata os palestinos. Certa vez, em uma palestra sobre a ocupação da Palestina, o professor Salem Nasser, profundo conhecedor do tema, expôs que para Israel, pouco importa que governo está no poder, a única diferença é que os Trabalhistas negociam com os palestinos e dizem que não vão continuar a construção de assentamentos, mas fazem mesmo assim, por outro lado, a direita israelense não negocia e continua a construção de assentamentos. Ou seja, os dois fazem a mesma coisa, mas os Trabalhistas fingem que estão preocupados em seguir as diretrizes internacionais. Por fim, os dois grupos têm o mesmo objetivo, qual seja, transformar a Palestina em algo completamente inviável, sem condições, inclusive, para se estabelecer fronteiras físicas.

Como o embaixador marroquino, os israelenses esperam o tempo passar para que não mais seja possível falar em Palestina ou Saara Ocidental. Casos semelhantes, cuja diferença primordial está na capacidade de articulação dos grupos. Os palestinos, por serem em maior quantidade no mundo e estarem no local cuja situação geopolítica gera mais preocupações ao Ocidente, sempre está na mídia. E o Saara Ocidental, como citei no início, nem mesmo no ambiente universitário é conhecido. Isso me fez lembrar de uma das entrevistas que foram feitas por ocasião da produção do documentário *Um Fio de Esperança*, com a pesquisadora do Western Sahara Resource Watch, Sara Eyckmans. Ali, ela reafirmou o que eu havia vivenciado:

É chocante. Eu sou uma cientista política. Foi isso que estudei. Eu nunca ouvi falar do Saara Ocidental na universidade. Eu me especializei em Relações Internacionais e nunca conversamos sobre isso. Talvez alguma nota de rodapé na disciplina de Direito Internacional, mas nunca foi mencionado, nunca foi explicado, nunca (Eyckmans apud Duque Estrada; Costa, 2017).

Mesmo diante de todo esse “esquecimento”, desembarquei em Tindouf, encontrei os membros da Frente Polisario que estavam me esperando no aeroporto e segui em direção ao campo de refugiados.

2.1 Viver num campo de refugiado

O que é viver num campo de refugiados? Dessa vez fiquei hospedado na casa de Omar “Canário”, uma pessoa que apesar de sua descrição, com o tempo pude conhecê-lo melhor e entender a dedicação que tem para com seu povo. Atualmente é o diretor da Escola de Cinema que está instalada em um dos campos, a propósito, eles estão subdivididos em cinco *wilayas* (uma espécie de distritos), El Aaiún, Smara, Ousserd, Bojador e Dakhla. Há mais duas áreas menores, Rabouni, que é uma área administrativa e o campo “27 de fevereiro”.

Dentre as inúmeras visitas que fiz às pessoas nos campos de refugiados, diversas vezes tive a possibilidade de conversar sobre a história dos saarauís. E, além de ter a conversa regada à chá – uma tradição que segue de tempos longínquos –, também pude perceber a exaltação da figura feminina. Em qualquer conversa, os saarauís destacavam que durante a guerra contra o Marrocos, quando foram obrigados a encontrar refúgio na Argélia, a grande maioria era formada por mulheres e crianças, pois os homens continuaram no deserto seguindo com a guerra.

A tradição destaca que assim que as mulheres chegaram ao deserto argelino, onde não havia absolutamente nada, pois a Argélia permitiu que os saarauís entrassem em seu território numa situação de emergência, elas assumiram as rédeas da situação. Muitas vezes emocionados e com lágrimas nos olhos, os saarauís contam que as mulheres chegaram em Tindouf e ao verem aquele deserto imenso e sem qualquer estrutura, tiraram suas vestimentas tradicionais (*melfas*) e as transformaram em tendas para abrigarem as famílias. Esse ato passou a ser heroificado e sempre lembrado.

Evidentemente que o papel da mulher, nesse processo, não se limitou a montar uma tenda, mas o ato se tornou emblemático, principalmente num tipo de sociedade, a árabe, que muitas vezes a mulher tem uma participação limitada. Nesse caso, a trajetória foi completamente distinta, até porque, como mencionado anteriormente, enquanto os homens estavam participando da guerra, foram as mulheres que assumiram a organização do campo de refugiados. Inclusive, nos dias de hoje, a grande maioria das pessoas que administram as *wilayas* são mulheres, elas atuam como uma espécie de prefeitas.

Mas a vida num campo de refugiado, seja na década de 1970 ou nos dias de hoje, continua sendo algo precário. Evidentemente que nesses quarenta anos vivendo nos acampamentos, as casas não mais são feitas pelas *melfas*, foram substituídas pelas tendas da ONU, depois pelo adobe e hoje algumas delas são feitas de blocos de cimento. Mas apesar de terem crescido, pois atualmente estima-se que há aproximadamente 200 mil pessoas vivendo nos campos de refugiados, continua não havendo qualquer tipo de saneamento. As pessoas

utilizam fossas e a água chega às casas através de caminhões pinta da ONU. Os moradores enchem seus pequenos reservatórios, caixas d'água ou plásticos e sobrevivem com o racionamento.

A comida também é oriunda de doações. Várias organizações destinam mantimentos para os saarauís e, quando chegam nos acampamentos, elas são estocadas e depois distribuídas individualmente para as pessoas. Cada pessoa, e não família, tem direito a mesma quantidade que a outra. Evidentemente que não estamos falando de fartura, mas sim de racionamento, então, muitas vezes, conforme foi relatado, as pessoas ainda dividem com os demais quando sobra algum alimento. Não há miséria nos acampamentos, não se vê pessoas passando fome ou mesmo esmolando pelas ruas. Nesse sentido, a administração local das *wilayas* é muito atenta e prestativa.

Outro aspecto que cabe destaque diz respeito ao atendimento médico. Muitos saarauís começaram a ir para Cuba nos idos da década de 1980 para estudar, pois não havia outra alternativa, exceto a Argélia. Então, há uma quantidade grande de médicos que retornaram para prestar atendimento à população. A preocupação geral é implementar um modelo de medicina preventiva, porém há alguma estrutura para atendimento nas unidades hospitalares. Mas casos mais graves são atendidos em Tindouf ou Argel, quando requer alguma medicina especializada.

Creio que ao mencionar Cuba seja interessante expandir essa questão. Desde a criação dos campos de refugiados, basicamente, os saarauís vivem de ajuda humanitária. A Argélia, que por eles é tratada como país irmão, não é a responsável pela manutenção da população, apesar de prestar assistência. Assim, devido ao modelo político cubano, que visa prestar auxílio aos demais países do “Terceiro Mundo”, toda e qualquer ajuda prestada aos saarauís estava vinculada a um projeto de solidariedade. Por isso que os cubanos ofereciam a possibilidade de os saarauís estudarem em seu país e também, ainda hoje, auxiliam no envio de profissionais da educação para lecionar nas escolas de ensino fundamental e médio dos acampamentos.

Os professores que trabalham nos campos de refugiados, normalmente lá permanecem por seis meses ou um ano, depois retornam à Cuba e vão outros. Quando estava filmando o documentário em 2016, tive a oportunidade de entrevistar alguns deles e pude perceber a dedicação que têm ao ofício de lecionar. Nos dias de hoje, quando a Educação está se transformando em mais um produto na prateleira, ao ouvir esses professores e professoras ressaltando sua missão, precisei parar e fazer uma reflexão pessoal. Pois ali naquele deserto, em que havia apenas duas edificações com algumas salas e pouco aparato didático, eles foram cidadãos que se preparam para ir para universidades em todo o mundo.

Os saarauís só não conseguem mais espaço para cursarem o ensino superior na Europa ou América Latina porque dependem de subsídios, bolsas de estudo, pois não têm condições de bancar seus estudos. Assim, Cuba continua sendo um oásis para esses jovens que ambicionam ir à Cuba ou à Espanha para cursarem o ensino superior. Há alguns que vão para a Argélia também darem continuidade aos estudos. Mas algo distinto acontece com a população saarauí que vive nas Zonas Ocupadas. Intencionalmente, o Marrocos não constrói universidades naquela região, há apenas uma faculdade, mas depois de cursar os dois primeiros anos, os estudantes têm de ir para alguma cidade marroquina para terminar a graduação. Essa estratégia é usada para não qualificar a população saarauí, ou, caso ela se sujeite a passar por esse processo, seja obrigada “a assimilar a cultura do opressor”. Em entrevistas feitas com estudantes na cidade de Marraquexe, em 2017, foi relatado que a vida nas universidades é muito difícil devido ao preconceito e segregação que sofrem tanto por parte de outros estudantes marroquinos quanto de professores. Ou seja, a qualificação profissional é mais um desafio para o saarauí.

Diante dessas dificuldades, bem pouca atividade há nos campos de refugiados. Hoje em dia, como há saarauís que vivem na Espanha e outros países, eles costumam enviar algum dinheiro para seus familiares e esses acabam construindo pequenas *vendas*. Não é o suficiente para se criar “uma economia local”, mas já há um pequeno comércio nos acampamentos. Mesmo o transporte de um campo para outro, é feito por *taxistas*. A grande maioria formada por automóveis da marca Mercedes-Benz.

O que parecia ser uma aberração capitalista, refugiados dirigindo carros Mercedes, teve sua explicação e ela se fundamenta nas aberrações do capitalismo selvagem. A grande maioria dos carros são oriundos da Espanha. Como os espanhóis precisam renovar suas frotas e a criação de “cemitérios de automóveis” seria algo muito custoso, eles vendem os carros antigos para a África e ali os saarauís compram por valores muito mais baixos. O que iriam jogar no lixo, ainda conseguem vender. E com isso renovam sua frota e preservam o meio-ambiente... espanhol! Como se fosse distinto dos demais.

Então, a extravagância de o refugiado dirigir um carro Mercedes-Benz se dá porque se trata de “um lixo espanhol” e também porque esse tipo de automóvel é muito forte e conseguiu se adaptar à rudeza do clima e “estradas” dos campos de refugiados.

Mesmo diante dessa dificuldade toda, os saarauís não desistem de lutar pelo retorno ao Saara Ocidental. E estar ali nos acampamentos é parte do processo. Desde o primeiro dia que pisei ali novamente e nos quase sessenta outros que lá permaneci, pude perceber isso. Os

saarauís transformaram o local em um lugar menos árido, mas continua sendo um lugar que não é deles e estão de passagem. Reproduzem, ali, o estilo de vida de seus antepassados, nascem, crescem, casam e seguem a vida normalmente... mas ali não é o Saara Ocidental.

2.2 A política viva

Viver num campo de refugiados é atuar politicamente, é assumir uma postura frente a uma situação que não está de acordo. Ou então, saber que aquele momento não é uma opção, mas a falta dela. Creio que as pessoas somente optam por viver em um campo de refugiados quando não há mais possibilidades para estarem no território que lhes pertence. E aqui utilizo o termo “pertencer” não como propriedade, mas como direito de estar ali por aquele lugar fazer parte de sua história, da história dos seus. Então, viver num campo de refugiados é viver politicamente.

E essa percepção é completamente verdadeira no caso dos saarauís. Ter um estado no exílio é algo completamente fora do normal para os padrões internacionais. Desde o princípio, quando se ensinam nas escolas, o Estado tem como elemento primordial a delimitação territorial. É ali que se realiza a vontade de um determinado grupo e a soberania se impõe. É certo que o tempo e a história provou que nem sempre a vontade de quem habita um determinado estado é respeitada e tampouco o conceito de soberania está vinculado exclusivamente ao território. Mas quando se cria um estado no exílio, a RASD, institui-se um governo que está sediado num campo de refugiados, por isso, ele não tem a soberania sob aquele território. Então, qual a autonomia e a eficiência desse ato?

Aqui cabe destacar a percepção que os membros da Frente Polisario tiveram logo nos primórdios da guerra contra o Marrocos. A criação da RASD e seu reconhecimento por quase 80 países pelo mundo, logo gerou uma situação de desconforto junto aos demais países do sistema internacional. Claro que não é um tipo de desconforto que faz com que uma potência deixe de agir de acordo com seus interesses e passe a atuar a partir de princípios mais altruístas, mas de todo modo, criou uma vertente que ratificou o direito de os saarauís exercerem a autodeterminação.

Desse modo, enquanto a Frente Polisario ocupava os campos de batalha e guerreava contra os marroquinos, no palco político, seus oficiais buscavam uma solução diplomática no

âmbito da ONU e da UA. Ainda que a ONU não tenha reconhecido a RASD como um estado membro, desde o início dos conflitos, em 1975, passou a delegar certa atenção à “questão do Saara Ocidental”, inclusive com a nomeação de delegados especiais para tratar dela. No entanto, o que sempre se impunha nesse imbróglio era o fato de que Espanha e França não tinham, como ainda não têm, qualquer interesse em aceitar os princípios de autodeterminação do povo saarauí, então, no âmbito da ONU, fizeram tudo – nos bastidores – para que a situação, se viesse a ser solucionada, que privilegiasse os interesses da monarquia marroquina em detrimento ao povo saarauí.

Desde o Acordo Tripartite de Madrid, entre Espanha, Mauritânia e Marrocos – que foi repudiado pela ONU, devido à violação dos direitos do povo saarauí –, firmado em 1975, no qual os espanhóis dividiam o território do Saara Espanhol entre Marrocos e Mauritânia, a atuação do governo espanhol tende a ser fortemente questionável e parcial. Na sequência, devido a interesses comerciais entre França e Marrocos, o povo saarauí ganhou um novo “inimigo”.

Esses elementos refletem diretamente na vida da população dos campos de refugiados, pois como foi expostos anteriormente, a cultura dos saarauís proporciona o encontro entre pessoas nas tendas (*jaimas*) onde se discute tudo. E, mesmo o mais distante saarauí busca a informação. É na reunião nas *jaimas* que todos se sentam, tomam o chá e ouvem o que está acontecendo no mundo. Ainda que a tecnologia tenha trazido a televisão via satélite e mesmo a internet para os lares saarauís, o hábito de se encontrarem para conversar não sofreu tanta alteração.

Nesse sentido, quando se conversa com uma pessoa dos campos de refugiados, certamente ela tem alguma noção da situação política que envolve a questão dos saarauís. Inclusive, quando estava fazendo o documentário, chegamos a visitar a casa de um grupo de beduínos nas Zonas Liberadas e ao conversar com eles, expunham com muita clareza a insatisfação acerca da ineficiência da MINURSO e mesmo a ânsia por uma solução que, inclusive, o Brasil pudesse mediar, como o fez no caso do Irã. Era uma situação muito insólita imaginar que um povo que vivia no meio do deserto, que praticamente só tinha contato com o restante do mundo por um rádio pudesse ter uma visão tão clara sobre as questões políticas.

Naquele momento fique em dúvida como era possível o beduíno ter tanta informação, cheguei mesmo a questionar se ele seria um beduíno *de fato* ou estava ali para que fizéssemos as entrevistas para o documentário. Mas essa dúvida foi sanada em 2018, quando estava no meio do deserto de Tifariti com meu amigo Fadel, o saarauí que me auxiliou durante a pesquisa

nos campos de refugiados, e, do nada, eu pedi a ele que me levasse para visitar um beduíno. Essa visita não estava programada, nem eu mesmo havia pensado nisso antes, mas quando estava num quartel militar que ficamos alojados, cheguei a ver alguns beduínos à distância. Então, no momento que vi outras tendas de beduínos, pedi para o Fadel me levar até lá. Ele somente disse que seríamos muito bem-recebidos, nos ofereceriam o tradicional chá e que eu perguntasse o que quisesse.

Tudo procedeu exatamente da maneira que o Fadel expôs. A amabilidade ao receber as pessoas era a mesma que já vinha vivenciando nos campos de refugiados. E, depois de nos oferecerem o chá, a conversa transcorreu por todos os cantos. De fato, havia uma preocupação muito grande do beduíno acerca da situação política que estavam vivendo. A instabilidade daquela região era outro ponto destacado pelo patriarca da família.

Depois de muita conversa, perguntei a ele como fazia para ficar informado de tudo que acontecia na região e no mundo, tendo em vista que estava no meio do deserto, praticamente sem contato frequente com as pessoas. Ele me mostrou uma pequena antena que captava o sinal de rádio e, para seus equipamentos elétricos, além de um pequeno gerador à gasolina, também possuía uma placa de captação de energia solar. Enfim, o modo de vida beduíno se mantinha, mas a tecnologia dava seu auxílio! Por fim, ratificou o que eu já tinha percebido antes, a importância de sempre que se encontrava com alguém, buscar se atualizar sobre tudo que estava acontecendo. Depois de algumas horas na *jaima* dessa família beduína, seguimos deserto adentro.

Em muitos aspectos, os saarauís ainda mantêm hábitos adquiridos ainda quando eram beduínos. Por isso que o deserto não é algo que os assusta. Eles sabem como sobreviver ali e têm feito isso desde quando chegaram em Tindouf. Transformaram o deserto num lar para poderem manter a luta pelo direito de governar seu território. Por isso que a política é parte integrante da vida dos saarauís. Seja na eleição de seus parlamentares, seja na percepção das transformações que o sistema internacional gera na vida deles. Até porque, a possibilidade de guerra não foi extinta e apenas vivem um cessar-fogo estabelecido em 1991.

2.3 A eterna opção pela guerra

Estar nos campos de refugiados é um convite para refletir sobre as mais diversas possibilidades de solução para a questão do Saara Ocidental. E, nesse sentido, a guerra sempre

surge como algo apavorante, mas real. Afinal, a guerra tem feito parte da vida dos saarauís desde quando decidiram que não mais seriam subjugados pelos espanhóis. E, mesmo nos mais sucintos relatos, dificilmente ouve-se alguém que tenha participado dos conflitos e tenha se arrependido. Ainda que agora vivam em circunstâncias bem complicadas, a opção pela guerra parece ter sido a mais correta. Há, sim, pessoas que questionam ter aceitado o cessar-fogo proposto pela ONU ao invés de terem continuado o embate militar com o Marrocos.

Refletir sobre a guerra me levou, indubitavelmente, aos escritos de Clausewitz e John Keegan. Por muitos anos tenho debatido o significado de guerra no sistema internacional e sua funcionalidade/finalidade. Tenho problematizado junto aos alunos o conceito de guerra trazido pelo oficial prussiano em sua obra *Da Guerra* e o quanto ele continua aplicável nos dias de hoje. Mas nunca tinha estado tão próximo a pessoas que participaram de uma guerra e ouvido relatos do que haviam vivenciado nos desertos do Saara Ocidental ou mesmo nas prisões marroquinas.

Clausewitz busca, em sua obra, criar um tratado sobre o que seria a guerra. Não estava atrás de escrever manuais para que os militares usassem suas táticas no intuito de galgarem a vitória, o que ele pretendia era entender o evento e seus desdobramentos. Ainda que a obra verse sobre táticas, o que o autor aponta é para uma maneira “nobre” de se fazer guerra, respeitando valores. Evidentemente que Keegan busca desconstruir essa visão idealizada do general e destaca que a guerra não tem limites, ainda que não possa ser considerada *ilimitada*, conforme o conceito de Clausewitz.

E, a cada vez que me sentava com algum ex-combatente, mais certeza tinha de que as críticas de Keegan estavam certas. O que aquelas pessoas viveram no deserto, sofrendo, inclusive, com a utilização de armas químicas pelos marroquinos, não cabe em um modelo de guerra como aquelas propostas nos séculos XVII e XIX. Não me parece haver nobreza no ato de guerrear, pois a imputação da violência a outro, por si, já é um ato abominável. Contudo, saindo do aspecto humano, é perfeitamente compreensível a opção pela guerra, a imposição da força e a tentativa de dizimar ou subjugar um povo. Mas se deixarmos o aspecto humano, que vantagem temos? Não somos os estados que criamos e, se para preservá-los temos de nos matar, ou aos outros, em algum momento essa ordem poderá se virar contra nós, então, essa lógica dos estados frente à guerra se torna perversa e uma bomba relógio que logo eliminará todos. A criatura (estado) destrói seu criador (homem)!

Num mundo civilizado, talvez esse sentimento e essa necessidade já tivessem sido superadas, mas não creio que o “mundo civilizado” que vivemos seja compartilhado por todos

os povos. A grande maioria dos povos vive em condições sub-humanas e apenas alcançam pequenas notas em jornais quando suas caóticas vidas sofrem tragédias ainda maiores. O mundo se compadece, mas para por aí. Talvez até envie alguma “ajuda humanitária”, mas prefere manter bem distante de seu território.

Essa mescla de sentimentos é percebida claramente quando se conversa com um jovem saarauí. Mesmo que a narrativa da guerra seja algo dolorido e facilmente alcance algum de seus familiares, muitos deles chegaram à conclusão de que a espera é muito mais desgastante que o enfrentamento ao inimigo. Sem terem a certeza de que conseguirão estudar em uma universidade, trilhar uma carreira ou mesmo que retornarão ao Saara Ocidental que nunca pisaram, a simples espera se torna um sofrimento incontrolável.

Historicamente os movimentos políticos sempre foram envoltos pela participação da juventude e, ainda que nos campos de refugiados o inimigo não seja o governo ali presente, mas sim, o estado marroquino, a Frente Polisario, gradualmente, vai percebendo que talvez essa insatisfação chegue a um nível que a guerra seja inevitável.

As diversas possibilidades de saídas negociadas constantemente são boicotadas pelos marroquinos e isso já foi evidenciado pelo próprio embaixador do Marrocos no Brasil, como foi exposto anteriormente. Então, a guerra, com todas as mazelas que poderá trazer, é uma opção muito viva. Viva e perigosa, pois se vier a ocorrer não me parece que ficará limitada aos saarauís e os marroquinos.

O panorama político mudou muito desde o início do cessar-fogo, em 1991. Mesmo as capacidades das partes não são as mesmas. O modelo de guerra que ocorreu nos idos das décadas de 1970 e 80 não cabe mais nos dias de hoje. Não com a mesma eficiência. O poderio militar que o reino do Marrocos possui, pelo menos em tese, seria suficiente para destruir os saarauís. Mas até que ponto que uma suposta guerra entre esses dois estados dar-se-ia apenas nas Zonas Liberadas e nos Territórios Ocupados? A guerra tradicional de Clausewitz não cabe nesse caso e a possibilidade de uma guerra irregular se expandir para outras localidades é muito alta. Sem contar que a posição da Argélia num conflito dessa magnitude ainda é uma incógnita.

Uma incógnita, no que tange ao modo que ela atuaria no conflito, mas não há dúvida de que os argelinos não permitiriam que o Marrocos conquistasse definitivamente todo o território do Saara Ocidental e anulasse a resistência saarauí. O equilíbrio de poder na região não permite esse aumento de capacidade do Marrocos frente à Argélia. Mesmo no tocante à Mauritânia pode-se dizer que haveria algum risco, até porque, para o falecido monarca marroquino, Hassan

II, pai do atual Mohamed VI, aquela região faria parte do “Grande Marrocos”, uma construção aleatória de uma suposta região que seria, por direito, do atual reino do Marrocos.

Há outros desdobramentos de uma possível guerra que levaria a região ao desequilíbrio total e poderia afetar, inclusive, os países europeus. Principalmente Espanha e França. E esses países conhecem perfeitamente os riscos, por isso, continuam apostando na manutenção de tudo como está, desde que a Frente Polisario tenha condições para controlar seus nacionais. Não há intenção em deslegitimar a Frente Polisario, pois sem ela a guerra já teria voltado a ocorrer há muito tempo.

Com isso, ainda que caminhar pelos campos de refugiados seja um ato extremamente seguro, algo como em poucos lugares do mundo pode-se fazer, a tensão envolta na possibilidade de guerra existe e em cada copo de chá que se toma, sabe-se que o próximo pode ocorrer sob tiros e bombas... mas isso não assusta os saarauís.

2.4 A religião da paz

A islamização do norte da África se deu como parte do processo de expansão da religião muçulmana pelos descendentes do profeta Mohamed, já a partir dos séculos VII e VIII. Ainda que as populações locais já tivessem outras religiões, seja pela assimilação passiva ou mesmo pela imposição diante da dominação, de fato, o Islã passou a dominar toda a região. Nesse sentido, o sunismo foi predominante.

Os saarauís, como não poderia ser diferente, também se converteram ao sunismo ainda quando viviam como beduínos e não havia sequer o entendimento de estado na região. No entanto, os processos dominatórios fizeram com que a assimilação da estrutura organizacional do Ocidente interferisse, inclusive, na religião. É interessante notar que mesmo sem haver uma liderança como Atatürk, que decretou a separação entre os poderes espiritual e temporal na Turquia, o Saara Ocidental trilhou sua trajetória organizacional privilegiando os modelos patriarcais e, na sequência, adotou a figura do estado sem a interferência da religião.

Isso não quer dizer que o sunismo praticado pelos saarauís seja distinto dos demais países, de modo algum. Até porque, a própria expressão e assimilação do Islã não requerem leituras diferenciadas. Os muçulmanos saarauís se pautam pelos valores do Profeta Mohamed

e seguem os ensinamentos do Corão. No Saara Ocidental os saarauís viviam dessa maneira e, nos campos de refugiados continuam expressando o mesmo entendimento.

A não interferência da religião na organização do estado não é algo que gere tensões nos acampamentos e tampouco as lideranças religiosas reivindicam. Isso ficou evidente para mim, nas oportunidades que tive para visitas as mesquitas que foram erguidas nos campos de refugiados e também ao conversar com alguns líderes religiosos saarauís em Argel.

Quando menciono a existência de mesquitas nos campos de refugiados, está longe de ser aquelas edificações que constantemente estamos acostumados a ver em Meca, Jerusalém, Dubai, Mashhad ou em inúmeras localidades pelo mundo islâmico afora. No caso das edificações construídas nos acampamentos, são normalmente muito simples e, quando há algum minarete, não passa de alguns poucos metros. A simplicidade desses templos, conforme exposto pelos líderes religiosos, expressa as condições de vida que as pessoas dos acampamentos vivem.

As dificuldades impostas pela vida num campo de refugiados não fazem com que as pessoas deixem de cumprir suas obrigações. Isso ficou claro nos hábitos das pessoas dentro de suas casas e mesmo quando tive a oportunidade de viajar com algumas pessoas pelas Zonas Ocupadas. Diante de um deserto imenso, onde a única guia é a própria consciência, as pessoas paravam para fazer sua ablução e a oração. É perceptível que a religião não é uma imposição ao povo e mesmo que o estado “não tome conta dela”, os fieis sabem muito bem como preservá-la.

Inclusive, a própria população cria estruturas para se proteger de leituras mais extremistas do que se costumou chamar de “fundamentalismo islâmico”. Na primeira vez que estive no Saara Ocidental já haviam relatado que em 2011 dois espanhóis e uma italiana haviam sido sequestrados por uma organização *islamista* que havia se infiltrado nos acampamentos para cometer o crime. Inicialmente atribuiu-se o crime à al-Qaeda do Magreb, que atuava no Mali, mas também se aventou a possibilidade de organizações financiadas pelo Marrocos terem patrocinado tal ação para implicar a Frente Polisario.

De fato, como a religião nos campos de refugiados nunca sofreu qualquer cerceamento e as lideranças religiosas atuam muito próximas às comunidades, nos momentos em que foram detectadas pessoas tentando influenciar a população ou mesmo tentando introduzir uma leitura mais radical do Islã, a própria sociedade saarauí detectou e as autoridades políticas suprimiram essa ameaça. Os líderes religiosos que entrevistei defendem uma visão do Islã que não é distorcida pelo que se convencionou chamar de Islã Político. Nas diversas oportunidades que

tive de frequentar as mesquitas e mesmo as casas das pessoas, a percepção que tive foi da assimilação de um Islã *humanizado*, avesso aos extremismos que constantemente tem surgido no mundo.

Inclusive, na ocasião que fui a Argel para entrevistar um dos Imans mais importantes para os saarauís, a conversa se deu em sua casa, pois sua mãe estava passando por um tratamento de saúde mais grave, então, tinha de permanecer ali, pois era o único lugar que ela teria tratamento adequado. Ao me receber em sua casa, numa localidade bem distante do centro de Argel, conversamos sobre a perspectiva de vida nos acampamentos e mesmo o papel da religião para se chegar a um resultado.

Apesar de o Iman somente falar árabe, sua filha falava espanhol e foi minha tradutora. Inicialmente, queria saber qual era o papel de um líder religioso diante de um conflito que se estende desde o início da década de 1970 e que não apresenta perspectiva de solução. Bem mais enfático, perguntei se ele entendia que a guerra poderia ser uma saída. Com cautela ao responder a questão, disse que não caberia à religião ou a ele decidir se deveriam entrar em guerra ou não, que essa era uma decisão dos chefes de estado. Contudo, se postou indignado com a indiferença que a comunidade internacional trata a situação do Saara Ocidental e que isso gera uma insatisfação muito grande de uma camada substancial da população. Afirmou que existem muitos jovens que percebem esse processo negocial com a ONU, UA e mesmo com o Marrocos, como uma perda de tempo. Ele conseguia ver o risco da insatisfação desses jovens se transformar em um movimento reivindicatório muito forte.

Por outro lado, como exposto anteriormente, o Iman tem clareza do papel da religião nos campos de refugiado e mesmo na sociedade saarauí. As próprias agruras da existência num local tão pouco amistoso faz com que as pessoas busquem cada vez mais conforto na razão de sua existência e, conseqüentemente, no que Deus destina para cada um. Como uma sociedade islâmica, o poder da religião é muito forte e faz com se entenda esse processo penoso como algo que será revertido no *juízo final*. Mas isso não quer dizer que a crença transforme a população em um *bando de cordeiros*, está longe de ser, mas em alguma medida, permite que se compreenda o momento como transitório.

As próprias tentativas de inserir uma leitura mais radical do Islã à população do campo de refugiados é vista pelo Imam como uma ação política e não religiosa. Orquestrada por marroquinos que têm interesse em criar uma falsa imagem do povo saarauí junto à comunidade internacional. Se conseguissem vincular a imagem dos saarauís a quaisquer outros grupos extremistas, por analogia, desconstruiriam a legitimidade da causa saarauí, que se pauta sobre

o direito natural dos povos, sua autodeterminação. Não há *islamistas* nos campos de refugiados, segundo o Imam, eles não têm espaço para atuação ali. De fato, além de uma “blindagem” religiosa, a RASD criou um sistema de inteligência mais eficaz para tratar dessa questão e o incidente com o sequestro dos membros das organizações humanitárias se converteu em um evento isolado.

Outro aspecto da religião que frequentemente é tratado como um limitador à mulher, no caso das saarauí não se configura. Os preceitos religiosos não fazem com que a mulher deixe de exercer suas funções. Inclusive, como exposto anteriormente, o papel delas na estrutura administrativa da sociedade é vital. A sociedade saarauí, de acordo com o próprio Iman, adota o entendimento de Deus acerca da mulher, ou seja, de que todos são iguais. E esse entendimento é ensinado nas casas e nas escolas. Daí a constatação que numa sociedade como essa não haja índice de violência familiar ou mesmo de estupros. A família tem um valor inabalável e sua preservação advém da tradição beduína e da própria religião.

Não é possível afirmar que não existem desafios para as mulheres na sociedade saarauí, isso seria ingenuidade afirmar. Inclusive, ao entrevistar a presidenta da Sociedade de Mulheres Saarauís, ela reafirmou que ainda há muito a conquistar, que não vivem em uma sociedade perfeita e que as mulheres têm os mesmos direitos dos homens. Foi além, elas até podem ter os mesmos direitos, mas têm de lutar por eles, enquanto os homens já o percebem como algo naturalizado. Assim, a consciência das mulheres é fundamental para que saibam o seu papel na sociedade saarauí e no mundo. Elas desenvolvem essas questões, em casa, na escola, na mesquita e nos encontros comunitários. Com isso, a possibilidade de haver retrocessos é menor. E, diante desse panorama, elas usarem véu se configura numa opção e numa necessidade. Opção, por aceitar os preceitos do Islã e necessidade porque assim se preservam do vento e da areia.

2.5 Os dias pelo deserto

Os saarauís são conhecidos como “filhos das nuvens”, pois desde tempos remotos, quando viviam como beduínos pelos desertos, se deslocavam pelas areias como as nuvens o fazem pelo céu. Devido à aridez da vida no deserto, constantemente, no intuito de buscar melhores lugares para suas criações, se moviam atrás de água.

Viver no deserto não é algo assustador para os saarauís, pelo contrário, mesmo diante do calor arrasador de mais de 50 graus ou do frio dilacerante de temperaturas abaixo de zero, esse povo consegue *domar* as adversidades do tempo e faz com que a vida seja algo prazeroso. Nunca ouvi alguém reclamar do excesso de frio ou calor, tudo faz parte da vida deles e se adaptaram a viver dessa maneira, por mais que seja difícil, para que vê de fora ou acaba de entrar *nesse mundo*.

Viver nos campos de refugiados é estar no deserto. Ali não há qualquer *verde* para compor a paisagem amarelada. As casas que foram construídas com adobe seguem o mesmo tom da areia e as novas construções, com blocos de cimento, apenas contribuem com um tom cinza que não traz muita vida para a paisagem. O que difere, e transforma esse cenário são as tendas. Essas sim são de diversas cores e, como são prolongamentos das casas, modificam um pouco o ambiente.

Mas deixando o campo de refugiados de lado, uma parte do território do antigo Saara Espanhol ainda continua sob o domínio dos saarauís. Durante a guerra com o Marrocos, gradualmente os saarauís foram sendo *empurrados* em direção ao leste e, num segundo momento, os marroquinos passaram a construir um muro no sentido norte-sul que viria a dividir completamente o território do Saara Ocidental.

Durante o período em que a guerra transcorreu, os saarauís organizaram ações contra o muro para desestabilizar a estrutura de segurança que estava sendo montada, contudo, essa fortificação acabou se transformando numa cicatriz para o país. Com aproximadamente 3000 km, apesar de não ser tão alto que não possa ser transposto (tem em média 3 metros de altura), para o lado do território que ficou para os saarauís, os marroquinos construíram um dos maiores campos minados do mundo. Então, para se chegar ao muro, há de se transpor o campo minado, uma cerca de arame farpado e depois, o muro propriamente dito, que possui guardas em todo seu percurso.

Conforme nos expôs Mohamed, o guia que levou a mim e o Rodrigo ao muro quando estávamos produzindo o documentário, os marroquinos fortificaram todo o percurso do muro. Para isso, seguiram a seguinte estrutura: construíram uma base de grande porte e depois algumas sub-bases até chegar à próxima base. Também utilizam helicópteros, caso seja necessário, e todo tipo de equipamento de alta tecnologia para vigiar a região.

Ainda, de acordo com Mohamed, frequentemente a população saarauí vai até uma determinada parte do muro e, pouco antes do campo minado, leva flores de plástico e balões de

ar em homenagem às pessoas que morreram durante a guerra, seus mártires. Os militares marroquinos observam à distância, mas não costumam reagir. Atualmente ainda ocorrem incidentes com as minas terrestres, pois há uma população de beduínos que vive na região e pastoreia suas criações. Com certa frequência, crianças são atingidas pelas minas. Havia uma organização internacional que trabalhava na desativação das minas, mas os recursos escassearam e atualmente não há ninguém desenvolvendo esse trabalho.

A construção desse “muro da vergonha”, como é comumente chamado, teve início em 1980 e foi concluído em 1987. Efetivamente, ele separa os Territórios Ocupados pelo Marrocos da Zona Liberada, controlada pela Frente Polisario e a RASD. Estrategicamente, na parte ocupada pelos marroquinos encontram-se as reservas de fosfato, produto utilizado para fertilizantes e outros fins. Essa riqueza é extraída ilegalmente pelo governo marroquino e exportada para diversos países do mundo, inclusive o Brasil. No entanto, recentemente uma sentença da Corte de Justiça da União Europeia entendeu nenhum país sob sua jurisdição poderia importar produtos de um território que ainda se encontra em processo de descolonização. Automaticamente foram suspensas as exportações, mas o Brasil, até 2018, ainda adquiria os produtos, mesmo sabendo que a procedência era do Saara Ocidental. No documentário que fizemos, denunciemos a importação de pescado daquela região. Inclusive, ao desembarcar a carga no porto de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, a procedência já expunha a ilegalidade, tudo vinha do porto de Dakhla, no Saara Ocidental ocupado. Ao denunciarmos essa infração, o governo brasileiro preferiu se calar e mesmo o Itamaraty apenas disse que “iria averiguar”.

Em 2016, quando estávamos filmando o documentário, fomos ao muro e depois à vila de Bir Lehlou. No passado, em 1976, foi dessa localidade que se proclamou a República Árabe Democrática Saarauí (RASD), no dia 27 de fevereiro. Inicialmente, como El Aioun estava ocupada pelos marroquinos, Bir Lehlou se tornou a capital do novo país que surgia, a base da resistência. Futuramente a estrutura do estado se instalou no campo de refugiados, em Tindouf, e Bir Lehlou passou a ter um valor simbólico. Em 2008, Tifariti, outra vila mais ao sul das Zonas Liberadas, passou a ser a capital simbólica do estado.

Quando lia ou ouvia falar de Bir Lehlou tinha em mente a estrutura de uma cidade tradicional, ainda que pequena, mas algo que já tivesse alguma referência. Mas a sensação ao chegar naquela cidade, ou vila, ou lugarejo... é de *fim do mundo*. Lembro-me de conversar com o Rodrigo assim que entramos na cidade e mencionar meu estranhamento. Compartilhado por ele. O vento estava insuportável e praticamente inviabilizou a utilização de uma parte

significativa do material sonoro captado para o documentário. Também, assim que descemos do carro e passamos a caminhar por aquele lugar, parecia que estávamos num filme de Mad Max. As casas feitas de peças de lataria, o vento criando uma sensação de filme de *western* americano misturado com apocalipse, pessoas cobertas até o rosto para se protegerem da areia.

Tudo ali era velho. Carcaças de carros abandonadas, peças de motores espalhadas por todos os lados... um cenário de destruição! Mas o significado de tudo isso era muito maior do que pude perceber com minhas primeiras impressões e as referências fílmicas. Aquele lugar servia como um ponto de conexão de vários beduínos que vivem pelas Zonas Liberadas, era e é uma maneira de manter viva uma região que sofreu com a guerra e com os bombardeios. Pode até parecer uma cidade de Mad Max, mas representa a força do saarauí que não deixou sua terra e diante das maiores adversidades possíveis, sobrevive.

Na segunda vez que estive em Bir Lehlou, em 2018, não havia tanto vento e o dia não estava cinzento, então, a impressão foi distinta. Havia muita gente por ali, caravanas com muitos camelos. Certamente era um dia de fazer negócios. Mas apenas vi tudo pela janela do carro, pois a estrada era longa até chegarmos em Tifariti.

Ao chegar em Tifariti a impressão foi bem diferente de Bir Lehlou. Não que a cidade seja muito maior ou esteja em condições tão melhores, mas primeiramente porque não há construções de lata e segundo porque me pareceu ser bem mais estruturada. Ali há um hospital muito grande, doação de uma instituição espanhola. Também há uma escola que me deu a impressão que tem mais espaço do que alunos. Mas como tudo estava fechado quando estive por lá, não deu para sanar essa dúvida. Tifariti é uma zona militar, como toda a Zona Liberada, mas nessa região há um quartel da RASD e uma base na ONU (MINURSO).

Fiquei alojado na base militar e depois fiquei sabendo que o presente da RASD estava lá também, mas por uma questão de segurança, incógnito. Eu já tinha me encontrado com ele em 2016, quando concedeu uma entrevista para o documentário. Uma pessoa sensata, que vivenciou todo o processo da guerra e agora tenta conduzir o país pelo caminho diplomático. Realmente, acredita que é possível recuperar o território do Saara Ocidental pela via diplomática, seja pela ONU ou pela União Africana.

No dia seguinte à minha chegada, acabei fazendo um programa de turista e fui visitar as montanhas onde estão as pinturas rupestres. Infelizmente, já é perceptível algum grau de deterioração das pinturas, pois não há controle da entrada de pessoas. Inclusive, há alguns anos os próprios soldados da ONU foram acusados de depredar o local e retirar pinturas para serem

vendidas na Europa. Não posso dizer que isso aconteceu de fato, mas somente há um aviso às pessoas que chegam naquele sítio arqueológico informando sobre a importância do local e pedindo para que não deprede. Mas essa região fica bem distante da parte habitada de Tifariti e quem quiser ir até ali para destruir o local ou mesmo roubar essas pinturas, é muito simples. Também percebi que havia uma pequena casa quando está chegando às montanhas, mas meu amigo Fadel, que me acompanhou na viagem, disse que há muito tempo que ninguém cuida daquele local. Ainda que “cuidar” seja um verbo de difícil aplicação àquele lugar, pois é grande demais para apenas uma pessoa fazer qualquer coisa.

Ficamos um dia inteiro para explorarmos todos os lugares. Em cada parede, um desenho que nos remete “aos homens das cavernas” e nos transporta para outro mundo, outro tempo, outra história. Longe desse conflito entre Marrocos e Saara Ocidental. Ainda, quando cheguei ao topo de uma das montanhas – não se iludam com esse termo, são baixas, não devem ter uma altura superior a um prédio de dez andares – e pude ver a imensidão do deserto, percebi o quão difícil deve ser preservar aquele território de invasores.

Ficou mais claro o porquê aquela região era tão utilizada por traficantes de drogas e também por organizações terroristas, é de um gigantismo que praticamente inviabiliza seu controle. Mas a RASD procurou sanar esse problema e criou um batalhão com patrulhas que se encarregassem de fazer a segurança da região. Houve muita apreensão de drogas no início, mas logo os traficantes perceberam que aquele local já não era muito viável para o tráfico. Quanto à presença de organizações terroristas, em conversas com os responsáveis pela patrulha, disseram que há bastante tempo não percebiam a presença de *extremistas*. Talvez estejam mais focados no Mali ou na Mauritânia.

Fiquei alguns dias em Tifariti e pude conversar com as pessoas que moram na cidade, com os militares e mesmo com as pessoas que me acompanhavam nessa viagem. Não havia mencionado anteriormente, mas sempre que se vai às Zonas Liberadas é necessário ser acompanhado por uma escolta armada. Nesse caso, havia um motorista e mais dois jovens de vinte e poucos anos. Eles foram designados pela Frente Polisario. Para sair da Argélia e entrar no Saara Ocidental há um controle de fronteira, mas apenas verificaram brevemente os documentos, pois estava num carro oficial da Polisario, depois seguimos viagem. A partir dessa delimitação de fronteiras não há mais estrada asfaltada, apenas deserto. Não é um deserto de areia branca como se vê em filmes como *Lawrence da Arábia* (dir. David Lean, 1963), essa parte do deserto tem areia compactada, seca ao extremo.

Nos vários relatos que consegui com as pessoas de Tifariti pude perceber que viver naquele lugar é uma forma de resistência, uma necessidade que se impõe porque aquele território é do povo saarauí e ele não vai abandoná-lo nunca. Por mais que a vida ali seja bastante complicada e a falta de água, às vezes até de provimentos, a faça refletir melhor se vale a pena permanecer naquela região, ninguém tem a intenção de sair. Querem, sim, poder romper com o limite do muro que separa as duas regiões e poderem rumar para El Aioun, Smara, Dakhla e outros lugares mais do Saara Ocidental. Há, inclusive, uma placa, talvez da década de 1960, que mostra para que lado fica cada uma dessas cidades citadas e a quantos quilômetros ficam dali.

O deserto assusta... mas somente a quem não faz parte do “povo das nuvens”, para eles, é um convite à vida, por isso não abrem mão de sua história, suas tradições e seus territórios... Por mais hostil que possa parecer, é do deserto que o povo saarauí tirou sua sobrevivência por séculos e séculos e se precisar, continuará fazendo isso.

3 AS PESSOAS

Quando resolvi escrever sobre algumas pessoas que conheci no Saara Ocidental, na verdade não tive a intenção de reduzir a história de um povo a poucas pessoas. Compartilho da perspectiva de que a História é feita por pessoas e não por pessoa, que os movimentos políticos e sociais são mais importantes que atos individuais. Certamente que algumas pessoas, com caráter visionário, conseguem difundir ideias e ideais, mas não constroem a história de um povo. Mesmo no Saara Ocidental, quando se relatam as trajetórias de Basiri ou El Uali, não se pretende excluir toda a população que esteve com eles ou compartilhava do pensamento deles, sem o *povo saarauí*, a resistência não teria saído de El Aioun e mesmo sobrevivido no deserto.

Por isso, a opção por apresentar algumas pessoas que conheci durante o período em que estive nos acampamentos não se deu no intuito de glorificá-las ou mesmo criar mitos, essa opção ocorreu naturalmente porque diante da impossibilidade de retratar todos que vivem nos campos de refugiados, a narrativa da história de alguns visa expor um fragmento do que é o *saarauí*.

Nesse sentido, creio que seja necessário contar essa história desde o início, ainda no Brasil, quando estava preparando meu projeto de pós-doutorado e conheci o representante da Frente Polisario no país. Uma pessoa extremamente culta e com formação acadêmica distinta. Encontramos-nos pela primeira vez em São Paulo, jantamos e conversamos sobre a conjuntura mundial e suas implicações para o Saara Ocidental. Na sequência, lhe falei sobre minha intenção de retornar aos campos de refugiados para fazer uma pesquisa mais focada na opção da RASD pela União Africana. Emboirik Ahmed, o representante da Frente Polisario, não confirmou ou negou que essa seria uma opção prioritária, mas disse que poderia me auxiliar no que eu precisasse para fazer essa pesquisa. Ele havia concluído sua tese de doutoramento sobre o nacionalismo saarauí e seu trabalho agregara perspectivas fundamentais para entender o processo que levou à ânsia pela independência e posterior guerra.

Foi a partir daí que entrei em contato com o Prof. Grespan, na USP, e conversei sobre meu projeto. Ele aceitou prontamente e na sequência a UNIPAMPA também compreendeu a importância da pesquisa e autorizou meu afastamento para realizá-la. Embarquei para os acampamentos e quando lá cheguei, tive o prazer de reencontrar o Emboirik um dia antes de ele retornar ao Brasil. Conversamos bastante e ele me apresentou a pessoa que iria me acompanhar durante o período em que eu estivesse por lá. Sempre que eu necessitasse de um tradutor ou de auxílio para me deslocar de um campo para outro, poderia contar com ele. Foi aí que fui apresentado a Mohamed Fadel, ou somente Fadel. Durante todo o período que estive

nos acampamentos, Fadel foi o grande responsável por abrir as portas necessárias para que eu conseguisse alcançar meu objetivo. Por isso, gostaria de falar um pouco mais desse saarauí que se tornou um grande amigo.

3.1 O amigo (Fadel)

Quando conheci Fadel, na casa de Omar, onde iria ficar hospedado, ele me pareceu uma pessoa simpática, demonstrou atenção e consideração pelo que eu estava fazendo ali. Como cheguei bem tarde aos acampamentos, tivemos apenas uma breve conversa, tiramos uma fotografia com Emboirik e deixamos para ajustar nosso cronograma de atividades no dia seguinte.

Logo pela manhã, quando acordei já encontrei Fadel tomando seu café da manhã com a família de Omar. Como não tenho o hábito de comer nada pela manhã, apenas sentava com eles (no chão, como se faz tradicionalmente) e ficava ouvindo atentamente sobre o que conversavam, tentando compreender alguma coisa. Normalmente utilizavam seu idioma, o *hassaniya*, e o mais estranho é que devido à assimilação da língua espanhola pelos saarauís, quando estão conversando, constantemente misturam palavras das duas línguas. Certa vez até perguntei qual era o critério para se utilizar uma palavra espanhola no meio da conversa em *hassaniya*, simplesmente me disseram que é algo natural e que utilizam a palavra que melhor representa o que pretendem dizer naquele momento. Efetivamente, é intuitivo e não há regra, cada um utiliza como quer os dois idiomas, porém, quando conversam com algum saarauí que não fala espanhol, retomam à língua original, do período pré-colonização.

Em minha primeira conversa com Fadel sobre a pesquisa que iria fazer, percebi que ele conhecia o tema, mas não surgiu a oportunidade para nos aprofundarmos nas questões. Ele queria muito saber o que eu buscava nos acampamentos para que ele pudesse conseguir para mim. Meu cronograma apontava para pesquisas no arquivo nacional, entrevistas com políticos, ativistas, historiadores, educadores, de modo geral, eu havia solicitado diversas entrevistas com pessoas dos mais diversos segmentos sociais. Também, para responder à pergunta de minha pesquisa, queria ter a oportunidade de entrevistar alguns diplomatas e o ministro das relações exteriores.

Fadel olhou todo aquele monte de entrevistas para serem agendadas e na sequência perguntou se eu precisaria de mais alguma coisa. Eu disse que gostaria de viajar para os demais

campos de refugiados, pois novamente, fiquei em Bojador. Ele perguntou se eu teria algum interesse específico na ida aos demais campos e simplesmente respondi que gostaria de, além de conhecê-los, poder conversar com as pessoas que participaram da guerra contra a Espanha e contra o Marrocos.

Fadel parou alguns segundos, anotou algumas coisas e logo pegou seu celular e iniciou suas ligações para todo mundo que pudesse me ajudar de alguma maneira. De modo geral, o início da pesquisa foi um tanto “tradicional”, pois para pesquisar a documentação sobre o Saara Ocidental, por uma semana, eu ia pela manhã e ficava até umas três da tarde no Arquivo Nacional. O diretor de lá me deu uma sala e disponibilizou todo o material que havia em publicações, revistas, livros e documentos, era exatamente o que eu queria... naquele momento.

Havia uma grande quantidade de material em árabe, o que dificultou o processo, pois sempre que precisava tirar dúvidas sobre o conteúdo de determinado documento, tinha de recorrer ao Fadel. Mas há uma quantidade incrível de documentos em língua espanhola, inglês e francês. Esse material conseguiu me ajudar a compor melhor o pensamento do saarauí ainda nos idos das décadas de 1960, 70, 80 e 90. Havia volumes e mais volumes de periódicos que foram publicados pela Frente Polisario e outras organizações. O volume de documentos era tão grande e seu valor histórico inacreditável que resolvi iniciar um processo de catalogação para que depois pudesse escanear tudo e analisar quando retornasse ao Brasil.

Evidentemente que durante o processo de catalogação, quando me defrontava com notícias e mais notícias que apresentavam a narrativa dos momentos pré-guerra e mesmo posteriores, não dava para simplesmente deixar de lado e ler depois. Foram horas e horas lendo tudo que foi possível e somente interrompendo a leitura para sair um pouco da sala e ir até a frente do edifício tomar um pouco de sol. A parte interna do edifício era muito fria e até as mãos congelavam porque não dava para trabalhar com luvas.

Mas mesmo essas interrupções para sentar na escadaria do Arquivo Nacional e receber um pouquinho do sol de inverno do deserto foi interessante, pois abriu a oportunidade para conversar com o diretor do local. Inicialmente ela não havia demonstrado tanta amabilidade como os demais saarauís, apenas abriu os arquivos para eu trabalhar, mas com o passar dos dias, ele percebeu que eu ia à escadaria e ele também passou a ir até lá. Sem qualquer esforço, passamos a conversar. Gradualmente ele contou sua história na guerra e me mostrou muitas mais fontes documentais. Pensei: nada como o tempo e o frio para aproximar as pessoas! Ele, inclusive, muito amável, me ofereceu o aquecer que usava em sua sala para facilitar meu

trabalho, mas somente agradeci e preferi continuar fugindo para o sol quando o frio se tornasse insuportável para meus dedos.

No final do período no Arquivo Nacional, fiz cópias digitalizadas de grande parte do material que poderia me auxiliar a compreender como o nacionalismo saarauí passou a ser assimilado pela população. Já tinha lido alguns livros e mesmo a tese do embaixador Emboirik sobre o tema, mas nos periódicos ficou cada vez mais nítido o processo de assimilação da visão da Esquerda naquele momento. Certamente que na década de 1960, em plena Guerra Fria, não havia grande possibilidade para se trilhar um caminho autônomo, ainda mais quando a população saarauí vivia sob o domínio colonial espanhol e o modelo de luta contra esse sistema era o argelino.

As revistas expressavam justamente uma forma de perceber o mundo em que os dominadores – potências – se impunham aos dominados – terceiro mundo – para prevalecerem. A linguagem dos periódicos era muito característica da Esquerda e apontava, de fato, para a necessidade de enfrentamento do sistema. Essa linguagem foi se consolidando no início da década de 1970.

Quando terminei essa primeira parte da pesquisa, Fadel foi ao meu encontro com uma quantidade tão grande de pessoas que eu poderia entrevistar que fiquei espantado. Ele tinha compreendido exatamente o que eu queria, ou seja, não apenas buscar uma “visão oficial” da RASD e da Frente Polisario, ele me mostrou a possibilidade de visitar diversos lugares e conversar com pessoas que realmente participaram da guerra e que hoje vivem num momento de profundo questionamento. Além de todas as entrevistas protocolares que acabei fazendo, como ele conhecia todo mundo, mas todo mundo mesmo, acabou organizando minhas viagens para os demais campos de refugiados e neles eu poderia entrevistar as pessoas que queria.

Desde o início, sempre perguntava ao Fadel sobre sua história pessoal nesse conflito, pois sabia que ele lutou contra os marroquinos no deserto. Ele sempre foi relutante em contar algo sobre si, fato que eu percebi com o passar do tempo. Normalmente o saarauí entende a história de modo coletivo e não “valoriza” a trajetória pessoal do indivíduo. Mas não no sentido de achar que o que determinada pessoa faz, não tem valor, mas no sentido de valorizar os processos coletivos. Por isso que sempre perguntava ao Fadel se havia biografias de saarauís para eu conhecer e ele disse que essa não é uma tradição de seu povo. A partir daí, comecei a perceber como as pessoas contavam suas histórias e que não davam a mesma ênfase que normalmente se vê um “ocidental” fazer. As pessoas tomam ou tomaram iniciativas em prol de um objetivo maior, e esse objetivo que deve ser ressaltado, não a trajetória pessoal.

Nas diversas vezes que sentei com Fadel para conversar, seja no carro para nos deslocarmos de uma campo a outro, nas diversas refeições que fizemos juntos ou mesmo nos chás que tomamos nas mais diversas casas, ele sempre expôs seu ponto de vista sobre o que viviam e dizia que teríamos que ouvir mais e mais pessoas.

Depois de eu muito pedir para ele me contar um pouco sobre sua vida, quando estávamos em Tifariti, num quartel de militares no meio do deserto da Zona Liberada, ele disse que poderia contar o que eu quisesse. Nem deu tempo para eu ligar o gravador, como fazia com todos os demais entrevistados. De tanto que estava acostumado com a presença de Fadel como um amigo, não dava para fazer “uma entrevista”. E não foi uma entrevista, foi uma conversa com quem ainda jovem, quando vivia em El Aioun já percebia o modo distinto que os saarauís eram tratados pelos espanhóis. Na escola, apesar de frequentarem as mesmas, pois a cidade era muito pequena, a perspectiva de ambos era distinta. E ao sair da escola, as vidas das crianças saarauís e espanholas eram completamente distintas.

3.2 O hospitaleiro (Omar)

3.3 A noiva

3.4 O novelista

3.5 O ativista (história do atentado)

O processo que leva à criação da República Árabe Saarauí Democrática (RASD) perpassa pelo questionamento acerca da legitimidade de um povo ter o direito sobre seu destino. Ainda que o conceito de *destino* contenha elementos metafísicos e religiosos, ele também tem um aspecto legal que passou a respaldar o direito dos povos. Nesse sentido, quando o *destino* deixa de estar nas mãos de Deus e passa às mãos dos homens, a luta pelo direito de determiná-lo ganha extrema importância no jogo político. Até porque, por séculos o pensamento europeu adotou o entendimento de que era superior em todos os aspectos e, por isso, deveria se impor aos demais povos para o bem próprio deles.

Mesmo quando a conjuntura internacional se transformou – já no século XX – e alguns valores “ditos universais” passaram a balizar as relações entre os povos, os europeus conseguiram trazer interpretações para que conceitos como autodeterminação – que, de certo modo, poderia se vincular a *destino* – somente viesse a ser aplicado de acordo com seus

interesses geopolíticos². Então, o que se percebe nesse embate político é a tentativa de preservação do *status quo* a todo custo, mas sempre defendendo valores nobres, ou seja, os *valores ocidentais*.

A trajetória dos povos europeus se imiscui a de outros no transcorrer da História, mas mais efetivamente, no que diz respeito ao continente africano, a partir de século XIV. Assim, quando Portugal se lança à procura de novas rotas para chegar às Índias, tendo em vista a dificuldade de romper com os bloqueios impostos pelos muçulmanos do *Oriente Médio*, o contato que se inicia com a população africana – não-mediterrânea –, já se dá de modo desigual (Fage, Tordoff, 2002). Isso pode ser entendido devido ao fato de que a intenção dos portugueses sempre foi comercial e a percepção de que *aquele* povo poderia servir para seus interesses era inerente, independentemente de como teriam de fazer para alcançar seus objetivos.

Da tentativa frustrada de os portugueses se estabelecerem no Cabo Bojador – atual cidade de Dakhla, no Saara Ocidental – ao efetivo contorno da África e estabelecimento de colônias na naquele continente e nos demais, o sistema internacional dogmatizou a estrutura de estados e aqueles que conseguiram se unificar foram conquistando um espaço privilegiado no novo cenário político que adotava o modelo colonial como algo *naturalizado*. Inclusive, séculos depois, quando o geógrafo Friedrich Ratzel desenvolveria sua tese sobre *espaço vital* (*lebensraum*, em alemão), em certa medida, ao mesmo tempo em que justificava o direito de a Alemanha – recém unificada – ampliar seus territórios, naturalizava o tipo de atuação dos estados que *se viam obrigados* a expandir seus territórios no intuito de *satisfazer suas necessidades*. Como seres humanos, segundo Ratzel, os estados teriam necessidades inerentes à sua natureza, então, a conquista de outros estados em nível distinto de desenvolvimento não se tratava de uma prática imperialista, mas, sim, da mera necessidade vital de um estado desenvolvido sobreviver.

Ainda que a teoria ratzeliana tenha contribuído para se compreender o ente Estado, a adoção de sua geopolítica por governos nazifascistas fez com que a *geopolitik* caísse no ostracismo até ser recuperada na década de 1970. A parte desse aspecto acerca da utilização das ciências para justificar o processo de dominação, em muitos outros âmbitos essa procedimento

² Particularmente, esse pragmatismo pode ser constatado em 1916, quando as potências da época, Grã-Bretanha e França, assinaram o tratado secreto, Sykes-Picot, que dividia o Império Otomano em zonas de influência e dominação. Ainda que futuramente, com o final da Primeira Guerra Mundial, a Liga das Nações viesse a ratificá-lo com o estabelecimento do sistema de mandatos, o aspecto preponderante, neste caso, diz respeito ao fato de que para não acatarem o direito à autodeterminação dos povos e perderem uma região de interesse geopolítico, justificava-se que *aqueles povos* ainda não se encontravam num nível de desenvolvimento necessário para se autogovernarem, por isso, precisariam da tutela das grandes potências.

se dá. Inclusive, Edward Said teoriza sobre o orientalismo expondo esse procedimento nas artes, ciências, etc. Frequentemente, a produção intelectual europeia buscava construir uma imagem bastante peculiar dos povos do *orient*e e, essa visão, notoriamente justificava quaisquer ações contra povos menos desenvolvidos.

Assim, seja a partir da perspectiva política, econômica ou cultural, uma estrutura foi desenvolvida para preservar os interesses das potências europeias e, subsequentemente, dos Estados Unidos, que se constituem na maior potência após a Segunda Guerra Mundial.

Como Fage e Tordoff (2002) destacam, um dos maiores desafios para as embarcações portuguesas foi superar o limite, devido à fragilidade de suas embarcações e as fortes condições marítimas da região. Nesse sentido, os portugueses tentaram se estabelecer naquela região, mas não foram felizes. Ainda mais porque tinham interesses mais ambiciosos que

Ponderações Finais

Quando iniciei os questionamentos sobre a estratégia dos saarauís terem optado pela criação de um estado, mesmo estando no exílio, para que pudessem continuar sua luta, me parecia que essa não era uma opção, mas simplesmente uma necessidade premente para que o Saara Ocidental continuasse existindo e sua história não fosse consumida pela ocupação marroquina.

Em certa medida, a premissa que eu trazia era de que somente com a existência do estado os saarauís poderia continuar tendo vida, mas esse foi o primeiro equívoco, pois a construção da identidade saarauí já se deu há muito tempo. Como foi trazido no transcórrer desse trabalho, o processo que levou ao fortalecimento da identidade saarauí está vinculado, exatamente, à presença do colonizador e à conscientização de que ser colonizado é perder sua história gradualmente, é assimilar a história do colonizador como se fosse a sua. É a ruptura violenta de sua trajetória e a imposição da história de outrem como sua.

Fanon discutiu mais profundamente essa questão em *Os Condenados da Terra* e, ia além ao propor a ruptura para que a história dos povos da África voltasse a seguir seu rumo, sem a intervenção europeia. De fato, suas ideias influenciaram movimentos independentistas e trouxeram uma nova perspectiva à Academia. O processo de descolonização ganhou impulso com o pensamento de Fanon, ainda que não seja possível afirmar que a independência das colônias africanas tenha significado a ruptura com a antiga dominação dos países europeus.

Referências

- ABDALAHE, M'Beirik Ahmed. **El nacionalismo saharauí**. De Zemla a la organizacion de la unidad africana. [tesis doctoral] Departamento de Ciencias Historicas, Universidad de Palmas de la Gran Canaria. Las Palmas de Gran Canaria, 2015.
- AMNESTY INTERNATIONAL. **Shadow of Impunity** – Torture in Morocco and Western Sahara. London, International Secretariat, 2015.
- ATMANE, Ali. **Prisionero de Guerra em los presidios de Argelia y el Polisario**. Casablanca: Najah El Jadida, 2009.
- BÁRBULO, Tomás. **La historia prohibida del Sáhara Español**. Barcelona: Ediciones Península, 2017.
- BARREÑADA, Isaías; OJEDA, Raquel. **Sahara Occidental 40 años despues**. Madrid: Catarata, 2016.
- BERISTAIN, Carlos Martin; HIDALGO, Eloísa González. **El oasis de la memoria** – Tomo II. San Sebastián: Euskal Fonda, 2012.
- BOAHEN, Albert Adu (edt.). **História da África VII** – África sob dominação colonial, 1880-1935. Brasília: UNESCO, 2010.
- DALMASES, Pablo-Ignacio de. **La esclavitud en el Sáhara Occidental**. Barcelona: Ediciones Carena, 2012.
- FAGE, J. D. **História da África**. Lisboa: Edições 70, 2017.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.
- HODGES, Tony. **Western Sahara** – the roots of a desert war. Westport: Lawrence Hill & Company, 1983.
- JENSEN, Erik. **Western Sahara** – anatomy of a stalemate? London: Lynne Rienner, 2012.
- KAMIL, Leo. **Fueling the Fire: U.S. Policy & The Weestern Sahara Conflict**. New Jersey: The Read Sea Press, 1987.
- LAURIN, Fredrik; SCHMIDT, Lars. **Silent Territory: Seven stories on Weestern Sahara**. Stockholm: Bokforlaget Atlas, 2015.
- LEITE, Pedro Pinto, et al. **The Western Sahara Conflict: the role of natural resources in decolonization**. Uppsala: Elanders Gotab AB, 2006.
- MARTIN, A. G. P. **Quatre siècles d'histoire Marocaine au Sahara de 1504 à 1902 au Maroc de 1894 à 1912**. Rabat, Edition & Impression Bouregreg, 2015.
- McNamee, Terence; MILLS, Greg; PHAM, J. Peter. **Morocco and the African Union**. Johannesburg: The Brenthurst Foundation E Oppenheimer & Son (Pty) Ltd, 2013.

MIGUEL, Carlos Ruiz. **El Sahara Occidental y España: Historia, Política y Derecho.** Análisis crítico de la política exterior española. Madrid: Dykinson, 1995.

PELLISSIER, Pierre. **La Bataille d'Arger.** Béjaïa: Editions Talantikit, 2012.

SAN MARTÍN, Pablo. **Western Sahara: The Refugee Nation.** Cardiff: University of Wales Press, 2010.

SANTAYANA, Mauro. **Dossiê da Guerra do Saara.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SHELLEY, Toby. **Endgame in the Western Sahara.** London: Zed Books, 2004.

SUZIN, Giovana Moraes; DAUDÉN, Laura. **Nem paz nem guerra: Três décadas de conflito no Saara Ocidental.** Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2011.

TULE, Luis Antonio Gonzáles. **La última colonia española.** Ciudad de México: Universidad Autónoma de la Ciudad de México, 2007.

WEBB JR., James L. A. **Desert Frontier.** Madison: University of Wisconsin Press, 1995.

ZUNES, Stephen; MUNDY, Jacob. **Western Sahara.** New York: University of Syracuse Press, 2010.